SÃO PAULO
205 R. da Prata 207

O POVO DE AVEIRO

Semanario republicano

PROPRIETARIO E DIRECTOR Francisco Manuel Homem Christo

Assignaturas, pagamento adeantado
Aveiro, anno, 1$200. Semestre, 600 reis. Fóra d'Aveiro: Portugal e colonias, anno, 1$300. Semestre 650. Extrangeiro, 2$500.

Redacção e administração—Rua d'Arnellas—AVEIRO

ANNO XXVIII | AVEIRO, 31 DE OUTUBRO DE 1909 | N.º 1:332

Publicações
No corpo do jornal: a linha 40 reis. Annuncios (quarta pagina) cada linha 20 reis. Permanente mediante contracto.

Composto e impresso na Typographia do *Povo de Aveiro*.

Factos e Criticas

Mais uma vez, na questão Ferrer, o revolucionario mostrou a completa mentira das suas doutrinas de liberdade, de egualdade e de fraternidade. Ou de solidariedade, como é da moda, moda anarchista, dizer-se actualmente. De liberdade, de egualdade, de fraternidade ou solidariedade, e de humanidade. Uma mentira, uma grande mentira. O homem é o lobo do homem, como nos tempos primitivos da civilisação. A humanidade é o que era, e, infelizmente, será o que é. Nós somos d'aquelles que se convencem com custo d'esta verdade. Custou-nos a chegar a ella. Mas chegámos. Estamos convencido.

Se em vez de Ferrer é julgado, condemnado e fuzilado um dos chamados reaccionarios, nenhuma manifestação popular, nenhum protesto democratico appareceria ou se formularia na Europa. Ninguem ouviria a cantata da civilisação, da liberdade, da egualdade, da solidariedade, da humanidade. Do respeito á vida humana. O reaccionario seria fuzilado em silencio, ou ainda com applauso, por maiores atropelos que se houvessem commettido no seu julgamento, por maior desrespeito á justiça que mostrasse a instrucção do processo. Como ha quatrocentos, trezentos, duzentos, cem annos ainda succedia aos livres pensadores. Como no tempo de D. Miguel e de Fernando VII succedia aos liberaes. Como ha uma duzia d'annos succedia aos anarchistas. E' uma mudança de religião, como temos dicto, como centos de vezes temos dicto, e nada mais. Ou antes, uma mundança de fórmulas, uma simples mudança de palavras.

Não nos illudâmos, não se illuda nenhum espirito culto: é uma simples mudança de fórmulas, uma simples mudança de palavras. No fundo, sempre o homem feroz, selvagem, egoista, injusto, auctoritario. Sempre. E os factos—só quem os não quer vêr,—ahi estão para o provar.

Pois os que tanto se commoveram, ou fingem commover-se, com a morte de Ferrer, commoveram-se, porventura, com os crimes de Barcelona? Todavia em Barcelona morreram duzias d'innocentes. Todavia em Barcelona commetteram-se verdadeiras atrocidades. Porque não protestaram contra a tyrannia, a intolerancia, o fanatismo das multidões os que protestaram, os que tanto protestaram contra a tyrannia do governo hespanhol? Porque não se chorou, por esse mundo além, a morte de tantas mulheres, e de tantas creanças, de tantas victimas innocentes, victimas de todas as gerarchias, de todas as edades, de todos os sexos, como se chorou a morte da victima innocente que se chamava Ferrer?

Mas ha mais. Ferrer não foi a primeira victima das justiças, ou das represalias governativas, se assim lhe querem chamar, de Barcelona. Antes d'elle haviam sido fuzilados uns poucos de homens. Alguem inquiriu se sim ou não se tinham observado as prescripções legaes no julgamento d'esses homens? Alguem inquiriu se entre esses homens haveria algum victima d'odios pessoaes?

Eram homens fuzilados por *crimes politicos*. Porque não se commoveu o mundo com esses fuzilamentos como se commoveu com o fuzilamento de Ferrer? Porque não gritou *tyrannia, respeito á vida humana*, como grita agora?

Porque não sabia que elles estavam innocentes, que eram uns benemeritos, uns santos, como Ferrer?

De Ferrer não sabe nada. O que sabe o mundo, ou antes, essa gente que protestou contra o crime de Barcelona, da vida de Ferrer? Sabe o que lhe quizeram dizer os partidarios. E o que dizem, em regra, os partidarios? O que dizem em Portugal, por exemplo, de Affonso Costa ou de Cunha e Costa. O que é Affonso Costa para os quadrilheiros que se dizem republicanos em Portugal senão um benemerito, um puro, um santo? Chamamos-lhe nós, aqui, salteador? Provamo-lo, que tem mais algum valor de que chamar-lh'o? Somos um *infame calumniador!* Pede-se a morte, não contra elle, mas contra nós!

Se amanhã—já o dissemos no ultimo domingo—Cunha e Costa fosse fuzilado, não se dizia á Europa e á America que elle era...o que lhe chamou o *Cornetim da Margarida* ainda ha bem pouco tempo. Não. Isso escondia-se. O que se dizia á Europa e á America era que elle... *sacrificava a sua vida pela causa do povo.* Era que elle... era um *defensor santo e eloquente da verdade.* Era que elle...era um *brilhante tribuno da democracia.* E a multidão matava policias nas ruas de Paris, corria á pedra o nosso representante, rasgava a nossa bandeira, assaltava o edificio da nossa embaixada. Comtudo, Affonso Costa, fuzilado, Cunha e Costa, fuzilado, tinha sido, símplesmente...um bandido.

Quem escreve a historia é sempre a facção dominante. Por isso mesmo a historia é, em regra, uma cadeia d'infamias, um acervo de mentiras.

A turbamulta que se manifestou na Europa e na America só se commoveu com o fuzilamento de Ferrer, sem se commover com os fuzilamentos anteriores: 1.º por Ferrer ser dos seus; 2.º sobretudo por Ferrer ser... um intellectual.

Esta nota aristocratica não é má. Mas é profundamente verdadeira. Os que foram fuzilados antes de Ferrer eram anarchistas, eram desordeiros, e temiveis desordeiros, como elle. Mas não tinham nome! Ferrer, porém, tinha nome? Bem ou mal fundado, tinha nome? Com motivos ou sem motivos era considerado um intellectual? Pois foi o que levou a turbamulta a exaltar-se. Dos outros, dos anonymos, pés descalços, não se importou. Mas d'um intellectual? Mas d'um aristocrata no partido da anarchia? Isso era outro caso! E foi desordem bravia.

Quer dizer: mais uma vez se demonstrou que os anarchistas só são anarchistas por não poderem ser... capitalistas.

E' o caso do meu antigo padeiro republicano cá d'Aveiro, que serve d'exemplo para tudo. O meu antigo padeiro era amante da comadre, atraiçoando o compadre, seu amigo. Obrigava a mulher a ser amiga da comadre. A mulher dizia-lhe que lá ser amiga da comadre... chiça. O padeiro ia aos ares. E creou um tal odio á mulher que dizia aos amigos: «Se eu a apanhasse de noite—como o Guimarães, o bom correligionario, fez ao Pedro em Cascaes—se eu a apanhasse de noite á beira d'um abysmo... palavra de honra, dava-lhe um empurrão e ficava sem remorsos!» Morreu-lhe uma cunhada, e elle chorava a morte da cunhada clamando: «E tenho eu lá um diabo, que não morre!» Assassino, da massa authentica dos assassinos. Mas constava-lhe que qualquer dos seus inimigos vivia mal com a mulher? Não o havia mais humanitario, mais democrata, mais enthusiasta campeão dos opprimidos. Ainda que a mulher fosse a ultima das prostitutas, e houvesse nascido prostituta... quem tinha a culpa era o marido. O maroto do marido! Elle é que tinha a culpa! Elle é que tinha feito a mulher prostituta! Elle, o padeiro, não tinha feito a d'elle prostituta a ser amante da comadre, a querer que a mulher convivesse com a comadre, e indignando-se por tal fórma por a mulher não querer viver com a comadre, que annos seguidos esperou... apanha-la de noite á beira d'um abysmo, isto é, agarrar a sorte que o bom correligionario, o Guimarães veio a agarrar com o pobre Nunes Pedro em Cascaes. Elle não fez a d'elle prostituta e tratou-a sempre... como S. José tratou a Virgem. Mas os outros? Os que eram inimigos d'elle? Tyrannos! E as mulheres... pobres victimas!

Os anarchistas são todos assim. Anarchistas porque não podem ser... capitalistas.

Tolerancia! E não ha nada mais intolerante do que elles. Respeito á vida humana! E elles attentam a cada passo contra a vida humana. Abaixo a violencia! E elles são tudo quanto ha de mais violento. A viva personificação da violencia. Liberdade! Mas para elles. Os outros só teem a liberdade... d'acreditar n'elles.

Mentira. Eterna mentira. O homem é um animal. Capaz de tudo para fazer triumphar a sua paixão ou o seu interesse.

Mentira! Eterna mentira!

A questão de Macau

Sr. Redactor

Diz o *Seculo* no numero de 12 d'Outubro ultimo sobre a questão da delimitação de Macau: «E o peor é que não se sabe quando isto acabará e como acabará esta tensão irritante que existe entre chinas e portugueses.»

Para acabar esta tensão irritante talvez não sejam descabidas as seguintes informações que passo a dar V. para sobre ellas bordar as considerações que entender.

Governava Macau o General Galhardo, e tinha por secretario do Governo ou chefe do estado maior, o actual Governador de Macau, e como este official fosse muito dado a levantamentos foi pelo General encarregado de levantar a planta d'uma parte da cidade. Começou os seus trabalhos e lembrou-se d'ir para o territorio chinez fronteiriço a Macau erguer uma pyramide de madeira para lhe servir de ponto trignometrico.

Logo que o Governo chinez teve conhecimento do facto, e farto de saber como ás nações europeias qualquer pretexto lhes serve para se apoderarem dos seus terrenos, reclamou nos mais attenciosos termos em que ponderava que não tendo sido permittida a erecção da pyramide, devia ser desmanchada.

O General ao ter conhecimento da reclamação chamou o secretario a quem encarregou de responder ao Gorverno china, mas este, que se quiz pôr em evidencia e que exercia n'esse tempo muita influencia sobre o General, por motivos que talvez mais tarde contemos, fez um officio em termos mais que insolentes, em que dizia que o Governo china por inculto não apreciava nem comprehendia o que era um ponto trignometrico, etc.

Foi o officio traduzido pelo chefe do expediente synico Carlos da Assumpção, que cremos chegou a ponderar a inconveniencia de remetter tal officio. Por azar nosso vae parar o officio ao vice-rei de Cantão, o celebre Ly-on-Chan que toda a Europa conhece por ter sido ministro da china em Paris e que era o mais poderoso e rico dos mandarins chinezes.

Como resposta repelliu a insolencia e marcou o dia em que os soldados chinezes iriam deitar abaixo a pyramide geodésica se o nosso governo o não fizesse antes. O nosso inclito teve artes de convencer o governador a que não destruisse a sua obra e que aquillo não eram mais que fanfarronadas de chinas.

Depois... depois, o que se soube foi que o general chorara de raiva e impotencia ao vêr os soldados chinas arrazarem publicamente, com apparato propositado para nos affrontar e rindo-se da nossa auctoridade, o marco que tão imprudentemente tinhamos levantado em terrenos que queriamos fazer acreditar que eram nossos.

Desnecessario se torna dizer a má vontade que se levantou contra o secretario, que tendo a fraqueza de se querer encobrir com o governador, em breve se viu obrigado a retirar-se para Lisboa aborrecido de todos.

Não ficou por aqui a affronta. O governo chinez exigiu desculpas por termos violado o seu territorio, quiz humilhar-nos, e conseguiu obrigar o general Galhardo a mandar o sr. Carlos d'Assumpção, elevado a ministro plenipotenciario *ad hoc*, pedir desculpas ao poderoso vice-rei.

Foi aquelle recebido com toda a deferencia, e cinco mil homens armados esperavam-n'o junto ao Palacio do vice-rei para lhe fazer a *guarda d'honra*.

Não terá força o ministro respectivo para evitar que no governo da provincia esteja um official, que se tem o merito d'estar protegido pela quadrilha republico-maçonica, tem contra si a profunda antipathia dos chinezes e é o menos proprio para evitar que acabe a «tensão irritante entre chinas e portuguezes?»

X.

Realmente é pouca vergonha

Dizia na terça-feira o *Cornetim da Margarida*;

"O tribunal da Relação, na sua ultima sessão, sendo relator o sr. Velloso Caldeira, aggravou as penas impostas na Boa-Hora ao nosso amigo e collega sr. dr. Arthur Leitão, nos processos d'imprensa que lhe foram movidos como director do extincto jornal *A Republica*. Aquelle jornalista, alem de pagar as multas, terá agora de soffrer, por dois processos, *sete mezes de cadeia*. Com razão diz um collega que emquanto a gatunagem anda á solta, e os vadios entram e saem do Limoeiro, um jornalista vae pagar com sete mezes de cadeia quaesquer excessos de uns artigos politicos.»

Na verdade, condemnar o Arthur Leitão como jornalista e deixa-lo impune como gatuno, é uma refinadissima pouca vergonha.

Uma refinadissima pouca vergonha!

Lyceu d'Aveiro

Pelo ministerio das obras publicas foi approvado o projecto das obras do lyceu d'Aveiro, pelo que esse projecto transitou já para o ministerio do reino.

Incendiarios, falsificadores, assassinos, dynamitistas e ladrões

São tudo! Tudo! E' o crime, na extensão mais lata da palavra! E' o crime, no seu maior horror! E' o crime, em toda a sua enorme, enormissima escala!

São tudo

Nós já os vimos aqui a roubar por todas as fórmas!

Nós já os vimos aqui a mentir por todas as fórmas!

Nós já os vimos aqui a fazer, sem escrupulos, sem pejo, com plena consciencia da calumnia, as mais infamantes accusações aos adversarios!

Nós já os vimos aqui falsificar inscripções!

Nós já os vimos aqui assassinar por crimes passionaes!

Nós já os vimos aqui lançar fogo a predios onde morrem queimadas numerosas pessoas!

Nós já os vimos aqui assassinar por crimes politicos!

Nós vemo-los agora assassinar para fazerem desapparecer cumplices perigosos, e atirar bombas nas egrejas com a dupla infamia de ainda accusarem os padres de auctores d'este attentado!

E' o crime, na extensão mais lata da palavra! E' o crime, no seu maior horror! E' o crime, em toda a sua enorme, enormissima escala!

Affonso Costa bate na mãe. Bate na mãe! Bateu na mãe!

Affonso Costa tem a vida de mulheres mais porca, mais immunda, mais dissoluta, vida de frascario, de latrinario, de devasso, que entre frascarios, latrinarios e devassos se tem visto.

Affonso Costa é bebedo, e em bebedeiras, pandegas, orgias de baixo imperio consome parte da existencia.

Affonso Costa, como o caso Fratel ainda hoje o demonstra n'outro logar d'esta gazeta, é um velhaco, um perfido, um trocatintas, um bilontra sem rival.

Affonso Costa atraiçoa as partes como um grilheta, o que tambem hoje se demonstra n'outro local d'esta gazeta.

Affonso Costa rouba os clientes da maneira já sabida por todo o mundo.

França Borges é *souteneur, maitre chanteur*, makavenko, isto é, bebedo, dissoluto, latrinario, frascario, malandro. Falando todos os dias na sua gazeta em moralidade, penetrando com descaro na vida intima dos outros, ousando com a maior das desvergonhas, accusar os inimigos d'infidelidades conjugaes, não só é cumplice nas infidelidades conjugaes do Affonso Costa, nos actos de continua prostituição commettidos por este bandido, que chega a desflorar creanças de dezoito annos no proprio leito conjugal, e á vista da propria familia, como fez em Coimbra, a uma rapariga de Ceia, deante da sogra, que o apanhou em flagrante delicto de luxuria, não só, dizemos, é cumplice nas infidelidades e vergonhosas porcarias, cuja historia fazemos, se fôr preciso, e estamos a ver que será preciso, do quadrilheiro seu patrão e seu amigo, camo elle proprio passeia por Lisboa, descaradamente, e affrontosamente dadas as suas constantes accusações aos inimigos na gazeta, a sua devassidão, a sua infidelidade conjugal de momento, ao lado d'uma actriz, e que é sua amante.

Alexandre Braga é... o que todo o mundo sabe.

Arthur Leitão é... o que está dicto e mais dezenas de coisas interessantissimas que temos aqui de reserva para contar.

Cunha e Costa é... o que se sabe e o que falta saber, que é importante.

Padua Correia é amante da propria irmã e tudo o mais que é conhecido.

O *Trinta* attentou contra o pudor da propria mãe e tudo o mais que é sabido.

O Ribas d'Avellar é... o Ribas d'Avellar.

O Henrique Cardoso é... o Henrique Cardoso.

Homens de honra, segundo o Bombardino Rachado! *Dizer-se hoje republicano em Portugal é dizer-se homem de bem.* O charlatão, o infamissimo charlatão, o trocatintas, o bandalho! *Dizer-se hoje republicano em Portugal é dizer-se homem de bem.* E eis o titulo de benemerencia e virtude que levou Jesus a vir do céo á terra apertar-lhe a mão! Eis o que explica e justifica... a tela do Grandella! Charlatão, intrujão, bandalho! Charlatães, intrujões, bandalhos!

Lima Junior seduziu a mulher do seu amigo. E, depois, matou-a. Um bom rapaz! Uma allucinação! Um desvario! Cantou-se! Apregoou-se! O pae do orphão Albino é um patife. Um dissoluto. Um devasso. Dá-se uma mão de prata a uma aventureira que, com verdade ou sem verdade, se presta a uma especulação torpissima. Com verdade ou sem verdade. Em qualquer caso, uma aventureira. Mas seduz um republicano, quer dizer, um quadrilheiro—salve-se a honra do nome— a mulher de seu amigo? E mata-a em seguida? Pobre rapaz! Uma allucinação! Um desvario!

Lima Junior foi absolvido.

O tenente Djalme falsificou as inscripções. Calumnia! Infamia da policia! Alli o cavalheiro Affonso Costa *dá a sua palavra de honra* em como o infeliz official está innocente. Foi victima das vinganças da policia do Porto, o infeliz. Uma victima! Santo e martyr! E quando tivesse falsificado as inscripções, era dinheiro pr'o *Alarme* e pr'a... conspirata em favor da republica. Pois então não é licito falsificar inscripções, roubar, matar, em pról da republica? Santo e martyr, o pobre Djalme, o infeliz official!

O Leandro deitou fogo ao predio da rua da Magdalena? Qual deitou! Foi o Fernandes, o grilheta! O pelintra, que não dá dinheiro ao Alexandre Braga para elle dissipar em pagodes e jogar na roleta! O Leandro, não. Este é correligionario. Pode lá ser um malandro? Não clamou o Rachado, o Bombardino, o Calcinhas: *Dizer-se em Portugal republicano é dizer-se homem de bem?* E não appareceu, depois d'isso, Jesus a apertar a mão ao Bombardino na tela do Grandella?

O Leandro, não. O Leandro é correligionario. O Leandro assentou praça na republica. E além de dar dinheiro ao Alexandre, ao Unha e Gosta, ao Margarido e mais *chantageiros* da jornalicada redemptora, dá dinheiro... pr'a grande conspirata em favor da republica. Já se compraram com o dinheiro d'elle quinhentas espingardas e duas metralhadoras!

O crime! Mas o crime justificado! O crime, na extensão mais lata da palavra, no seu maior horror, em toda a sua enorme, a sua enormissima escala, mas justificado, mas exaltado, mas convertido mesmo em gloria, mas tornado mesmo apotheose, que é o peor de tudo!

Buiça e Costa mataram o rei D. Carlos e seu filho. Crime politico! Glorificados o Buiça e o Costa! Crime politico!

Mata o Guimarães um homem em Cascaes? E' mentira! Não matou! O *Mundo*, tão minucioso, tão porcamente minucioso, deve-se dizer, em todos os crimes que apparecem em Lisboa, não fez a menor reportagem do crime de Cascaes. Não só não fez a menor reportagem do crime de Cascaes, chegando—hoje, quarta-feira, é um d'esses dias—a não dizer sobre elle uma palavra, como no pouco que disse procurou sempre desviar a idéa do crime de cima do caso.

Isto é o melhor e o maior indicio, para nós, de que houve crime, de que os republicanos teem a certeza de que houve crime e de que conhecem o auctor ou auctores da grande infamia.

Ao sr. juiz d'instrucção criminal, que é um homem intelligente, não passou, certamente, despercebido este caso. Está n'elle o melhor indicio, o maior indicio, de que houve crime e de que se trata d'um crime republicano.

E' hoje quarta-feira. Estou a escrever isto hoje, quarta-feira. Não sei nada do que vae no juizo de instrucção criminal. O que se tem apurado, o que se não tem apurado sobre o caso de Cascaes. Mas continuo na convicção inabalavel, que já declarei domingo ultimo, de que o infeliz Nunes Pedro foi assassinado e de que foram republicanos os auctores do assassinato. Não haja duvidas, sr. juiz d'instrucção criminal. Olhe v. ex.ª—já olhou, com certeza—para o *Mundo* e para o *Seculo*. Imbecis, na falta *d'interesse* qua demonstram pelo crime de Cascaes, na insinuação de que não houve crime, deixam manifestamente provado que houve crime e que os assassinos são republicanos.

O *Seculo*, o desprezo do *Seculo* pelo crime de Cascaes! A attitude do *Mundo*, o rival do *Seculo* em infamias de reportagem e de *chantage!* Não é preciso mais nada. Houve crime! Houve um assassinato! E pertencem ao partido republicano os assassinos!

Da mesma fórma *Mundo, Seculo, Lucta* provam eloquentemente que são republicanos os auctores do attentado de dynamitista na egreja de S. Luiz e na egreja do largo do Corpo Santo. A prova está precisamente na troça, no desdem com que se referem ao facto. A prova está precisamente na insinuação de que foram os padres os autores do attentado.

Siga o rasto do *Mundo*, sr. juiz d'instrucção criminal! No *Mundo*, e em certas ramificações maçonicas que se ligam com o *Mundo*, está a *fonte* de todas as infamias, de todos os crimes republicanos. E' o cerebro do crime revolucionario! Alli é que está o cerebro do crime revolucionario! Alli é o quartel general dos bandidos! Alli é o covil dos salteadores! Esse Affonso Costa, verdadeiro monstro seja qual fôr o aspecto sob que se encare, é a ruina, é a vergonha do partido republicano! Foi elle quem deu ao partido republicano o aspecto assassino, a orientação criminosa, o rumo d'attentados em que esse partido se lançou. São todos uns malandros. Mas sem a alma damnada d'esse homem, o partido republi-

cano nunca teria chegado á situação indigna, vergonhosa, infame, a que chegou. Esse homem, e o seu grupo, ligado ao Alpoim e ao grupo dos dissidentes, é a causa de todos os crimes politicos occorridos ha tres annos em Portugal. Ha dois grandes bandidos n'esta terra. Esses dois grandes bandidos chamam-se... Alpoim e Affonso Costa. Ao pé d'elles, Marçal, João Brandão, e outros famosos salteadores d'estrada, chegam a ser homens sinceros, homens de virtude, com nobreza e rasgo.

Isto não pode continuar. Affonso Costa é a alma damnada do partido republicano. Mas nem por isso pode deixar de se tomar a todo o partido republicano a mais tremenda responsabilidade. São todos solidarios. Ninguem protestou, Ninguem protesta. Pelo contrario, juntam-se todos, em revolta, accesos em ira, contra quem lhes diz a verdades. Então é uma alcatéa e como lobos convem trata-los,

E' uma quadrilha. Mas não é uma quadrilha de quadrilheiros mansos. E' uma quadrilha de quadrilheiros ferozes.

Ha ladrões que roubam e não matam. Ha assassinos que assassinam e não roubam. Os quadrilheiros que em Portugal se rotularam de republicanos, que em Portugal usurparam o nome republicano, são a peor casta de criminosos. Roubam, matam, e ainda por cima santificam o roubo e o assassinato.

Isto não pode ser. Isto não pode continuar. Ou este paiz ensandeceu de tal forma que até perdeu o instincto de conservação que nunca perdem os irracionaes.

Isto não é um partido. Cem vezes o temos dicto, cem vezes, mil vezes o havemos de dizer. Pois é um partido republicano, pois pode ser um partido republicano, um partido burguez, aquelle que nos apparece de braço dado com a anarchia, como nos appareceu ainda agora na questão Ferrer, como nos tem apparecido sempre, como nos apparece a cada passo? Pois é um partido republicano, pode ser um partido republicano, um partido burguez, aquelle que lança mão das bombas como arma de combate? Diga lá o exercito e a armada, diga lá o clero, diga lá o industrial, diga lá o negociante, o lavrador, o funccionario, todos aquelles que constituem as classes burguezas dos regimens republicanos.

Pergunta-se ás classes burguezas em Portugal: querem a anarchia? Acompanham um partido deshonrado por todos os crimes? Fazem causa commum com um partido de desordem? Não. Então quem resta? Então com quem é que se constitue a republica em Portugal? Com a plebe, no estado d'incultura intellectual e de incultura moral em que a conhecemos?

Paris é uma cidade cheia de socialistas e de anarchistas. A camara municipal de Paris foi eleita na sua maioria, por revolucionarios de toda a casta. Pois a camara municipal de Paris regeita a proposta para ser dado o nome Ferrer a uma das ruas e Lisboa approva.

Isto pode lá ser! Isto é um paiz d'opera comica. *Les portugais sont vraiment gais,* como dizia o jornalista da *Dépêche* a proposito de Baracho. Todas as scenas da vida nacional são verdadeiras scenas da *Gran Duqueza de Gerolstein.*

Aqui só ha uma coisa a fazer: juntarem-se todos os homens de tino e de seriedade contra as quadrilhas em geral, e contra a quadrilha republicana em espicial. Todos os homens de tino! Todos os homens de seriedade! Seja qual for o seu partido. Isso pouco importa. Livres pensadores e reaccionarios? Republicanos e monarchicos? Isso pouco importa. Nós temos uma conquista a fazer, uma conquista essencial, uma conquista primaria, sem a qual não damos um passo e que, por isso mesmo, a todos nos interessa por egual. E' a conquista da ordem, da honestidade e do bom senso. Como tantas vezes temos dicto, a primeira coisa a fazer em Portugal é formar o caracter. Esse é, esse tem sido o nosso plano. Ha um ponto de contacto para todos os homens n'esta terra, uma plataforma em que todos, na melhor harmonia, seja qual for a sua proveniencia, se podem juntar: a seriedade. Obtida a seriedade, imposta a seriedade, está obtida a ordem, a tolerancia, o amor do trabalho, o respeito mutuo, a liberdade. Ou os homens sejam livres pensadores ou reaccionarios, ou sejam republicanos ou monarchicos. Obtida a seriedade, está morta a charlatanice, está anniquilada a especulacão. Trabalhemos todos pela seriedade. Combatâmos todos *á outrance* a especulação. Formemos, reconstituamos este caracter portuguez que está dissolvido, ou pelo menos abandalhado, apulhado. E se o conseguirmos, Portugal é um povo, ou republicano, ou monarchico. Republicano? Monarchico? Nós dizemos: *será melhor que seja republicano.* Outros dirão: *será melhor que seja monarchico.* Isso é o menos, senhores. Isso é já secundario. Se for monarchico não morrem os republicanos e se for republicano não morrem os monarchicos. Comtanto que seja sério. Sério, progressivo, educado, será um povo, um povo digno de figurar no mundo, um povo que honra a sua historia.

Não o conseguimos? Então é um povo morto, ou republicano, ou monarchico. De que serve, então, a republica? Que vem cá fazer a republica? E' elixir de longa vida? E' talisman?

Não sejamos idiotas. Tenhamos juizo. Arejemos, limpemos o caco nacional, que anda cheio de minhocas.

Atiremo-nos a valer á grande obra da formação do caracter. E não supponhamos que é obra do governo ou que é, mesmo, obra do mestre escola. Qual mestre escola? E' uma outra d'essas cantatas com que se embala a pobre humanidade. Sem querer dizer com isto que não seja muito boa a obra do mestre escola. E'. Mas a educação não é, não pode ser, obra sua, só sua, exclusivamente sua. E' de nós todos. E' da dona de casa sobre as suas creadas, é do mestre d'officina sobre os seus officiaes, é do amigo sobre o amigo, é do conhecido sobre o conhecido, é d'uns sobre os outros. E' uma obra d'affirmação constante de bons principios, de intransigencia absoluta de processos. E' uma obra de tolerancia constante com o que é bom, tenha o rotulo que tiver, e de intolerancia completa com o mau. A minha mulher ou a minha sobrinha quer ler o *Seculo* por causa do folhetim, e diz-me que lê só o folhetim do *Seculo?* Ou do *Mundo?* Ou d'outro da mesma raça? E eu não consinto. Faço-me ahi auctoritario. Eu não dou dez reis a um jornal cuja acção me pareça funesta. Eu não consinto, dê por onde dér, que um jornal d'esses entre em minha casa. E eu influo para que não entre em casa nenhuma sobre a qual pese o meu voto ou a minha auctoridade.

O merceeiro que me vende o assucar é um trocatintas, um intrujão, um mariola? Pede bombas de dynamite, a cabeça do burguez ou as tripas do padre? Não se compra assucar n'essa casa, que eu não quero. Idem o boticario? Não se compra linhaça n'esse boticario, não se vae a casa d'esse mariola, que eu não quero. E assim por deante. E elles hão de ser obrigados a emendar a lingua, a moderar-se, a corrigir-se, a educar-se, ou morrem de fome. Pois então?

E' preciso uma acção individual muito energica. Muito energica! Ou não ha maneira de nos salvarmos.

Muito energica com todos. Mas sobretudo com essa quadrilha que santifica o crime e dá salvo conducto ao criminoso. Com essa quadrilha que de braço dado com a anarchia tudo subverte, tudo dissolve. Não haja quartel para o quadrilheiro! Nem piedade! Sem piedade, sem treguas, sem quartel!

Quando elles invadiam as povoações, e as tratavam como paiz conquistado, eu disse d'aqui: *Façam-lhes frente!* e isso deu um resultado admiravel.

Pois bem. Generalisem. Façam-lhes frente em tudo. Deem-lhes em tudo nas ventas para traz. Façam-se tesos. Não transijam. *Porrada e agua á jarra.* Ou tereis essa horda de ladrões e assassinos a cavallo no cachaço, quando menos o esperardes.

Porrada e agua á jarra. Pão na mão e pau na outra, que ainda, com meninos e selvagens, é a melhor forma d'educar.

Eu nunca tive um grande medo ás reprehensões da minha mãe. Mas digo-lhes que tive sempre um grande respeito ás palmatoadas.

Generalisem, generalisem: *porrada e agua á jarra!*

As machas

Reuniram-se, e foi *d'arromba*, como succede ás damas sempre que perdem... as estribeiras.

Assim a senhora D. Maria Velleda desatou aos vivas a Ferrer, sendo, diz o *Cornetim da Margarida*, immensamente correspondida. Até teve echo na Mouraria, que fica perto do Largo do Intendente. Suas excellencias reuniram-se no *Centro Antonio José d'Almeida*, que tem má sorte, coitado.

A senhora D. Anna de Castro Osorio, segundo lemos no *Portugal*, disse, suppomos que respondendo a D. Velleda:

"A geração que ahi está, diz v. ex.ª muito bem, é de bandalhos educados pelo jesuitismo que pontificou em Campolide, invadiu o Collegio Militar, influenciou todas as outras escolas e lyceus."

O *Portugal* dá sorte e tem razão. Promette para a outra vez perder o respeito á senhora Dona Anna. Não perca. Não lhe cite o nome, que é a maior pirraça que lhe pode fazer. A senhora D. Anna de Castro Osorio, sem reclame, é como peixinho fóra d'agua. Asphyxia!

De resto, o *Portugal* tem razão. Tem muita razão. Dizer-se que foi o jesuitismo quem educou o Cunha e Costa, o Arthur Leitão, o Margarido, o Trinta, o Maduro, o Espanta Mortos, o Petiz dos Cordões, o Ribas d'Avellar, o Padua Correia, o Henrique Cardoso, o Affonso Costa, o Derouet, etc., etc., etc., é forte. Realmente é forte. Mas, por outro lado, seria caso para perguntar á senhora Dona Anna:

Então, se o jesuitismo educou essa geração de bandalhos que ahi está, de que se queixa v. ex.ª e de que se queixa o partido republicano? Então o jesuitismo forneceu á republica todos os seus chefes, sem excepção d'um só, e a quasi unanimidade dos seus magnates, e o partido republicano e v. ex.ª andam a gritar contra o jesuitismo?

A senhora D. Anna a dizer coisas d'estas, e a senhora Velleda a dar vivas ao Ferrer depois de morto, francamente, nem acreditam o bello sexo nem a republica.

Não percebemos!

Escreve-nos alguem a perguntar:

"Porque será que estando as *comichões* parochiaes e municipaes, e todo o fiel patife republicano, sempre prompto a felicitar e a cumprimentar as *victimas* e os *heroes,* Cornetim da Margarida tem publicado tão poucas felicitações—uma miseria ridicula— a Dantas Baracho, que é victima e heroe ao mesmo tempo?„

Resposta:

Não percebemos!

Mas depois da pergunta e da resposta talvez que appareçam.

Vamos a ver!

Annunciam os *libaraes* conferencias contra os *jasuitas* em varias terras da provincia. Aqui a Aveiro dizem que vem o sr. Egas Moniz. Não temos nada a contestar. Mas hão de nos permittir que nós continuemos tambem... contra o jesuitismo laico.

Qualquer dia subimos a esta tribuna para dizer das prendas... do Castanheta libaral.

Justiça a todos!

A grande quadrilha

Publicamos hoje a seguinte communicação, á qual fazemos no fim alguns commentarios:

Sr. director do «Povo de Aviro»:

Na obra herculea, necessaria e sympathica, exemplarmente patriotica e extremamente opportuna, em que V. anda empenhado, de sanear essa estrebaria d'Augias chamada o partido republicano, e reduzir ás suas devidas proporções de mediocridade politica e moral os idolos que o fetichismo demagogico para ahi ergueu sobre pedestaes de lama e aponta continuamente ás consagrações baratas d'uma horda de patifes atacados de atonismo cerebral, venho eu hoje collaborar tambem. Sei que a tinta que usa substitue vantajosamente as aguas do rio Alpheu, e vejo que a penna que maneja não é menos certeira e efficaz que a pedra desprendida da montanha, no sonho de Nabuchodonosor; mas o subsidio que trago não é de rejeitar por modesto, supponho eu. Ha benemerencias que é dever não calar para que o publico as admire; e estas de que venho fallar merecem a immortalidade da historia para exemplo dos evos.

Ora oiça, sr. director. Espante-se, mas acredite. Eu não sei por conhecimento proprio os tres factos que vou resumir; mas contou-m'os, deslusidos de commentarios, casualmente, ha dias, um amigo meu que, sobre ter sido contemporaneo do protogonista em Coimbra, onde os dois primeiros casos se deram e foram sabidos, e ter ouvido o outro d'um illustre e conceituadissimo collega do auctor das façanhas no magisterio universitario, é um verdadeiro homem de bem, um lidimo caracter, incapaz d'uma informação conscientemente falsa.

Oiça e admire a dedicação d'um filho, a lealdade d'um condiscipulo e a seriedade d'um advogado.

Em Coimbra, o grande e glorioso caudilho republicano que dá pelo nome de Affonso Costa vivia com a mãe, que lhe servia de creada. E' já sabido dos leitores d'este semanario, pois, se a memoria me não atraiçôa, V. já aqui o disse, que elle a maltratava constantemente em palavras e em acções. Chegou a chamar-lhe o nome mais degradante da dignidade d'uma mulher, e desceu á baixeza de a espancar barbaramente. Porque? Vae vêr. Um dia, na louca embriaguez das orgias escandalosas, começou a levar para casa meretrizes, ceava com ellas, e obrigava a mãe a servi-las. De principio, a mãe, enojada da desvergonha do filho, recusou-se ao baixo mister de creada de mulheres publicas; mas, em desforço da rebeldia materna, Affonso Costa sovou generosamente e atirou carinhosamente por uma escada abaixo a mãe, que ficou com um braço partido. Foi sempre tamanho o amor a sua mãe, que esta viu-se na dura necessidade de ir supplicar a pessoas das relações do filho a fineza de lhe pedirem que a não tratasse com tanta ternura de aggressões e tal carinho de insultos.

Um modelo de dedicação filial, o Affonso Costa, digno rival de Nero. Um mandou rasgar o ventre da mãe; o outro partiu-lhe um braço. Um foi imperador romano; o outro aspira a ser presidente da republica portugueza. Os grandes homens assemelham-se.

*

Affonso Costa e Fratel, condiscipulos na Universidade, eram ambos classificados; Fratel, porém, tinha maior classificação, e Affonso invejava-lhe a superioridade. Queria Affonso supplantar Fratel, e naturalmente porque não pudesse medir-se com elle em intelligencia ou em estudo, armou-lhe uma cilada.

Eu conto. No 4.º anno de Direito, Affonso Costa vae ter com Fratel, e, depois d'um arrasoado depreciativo do lente Chaves, propoz-lhe a combinação seguinte: quando formos chamados na aula do Chaves, atiramo-nos a elle como gato a bofes e dizemos-lhe que elle só ensina disparates e erros. Fratel, que não suspeitava traição e cria na lealdade do seu condiscipulo, annuiu, e apenas foi chamado cumpriu cavalheirosamente a sua palavra. Pouco tempo depois foi chamado o Affonso Costa que com pasmo de Fratel, se desfez em cortezanias que roçaram pelo sevandijismo, em mezurices e attenções para com o lente, e faltou redondamente ao pacto combinado. A traição surtiu o effeito previsto: Affonso Costa no 4.º anno obteve melhor classificação que Fratel.

Um cumulo de lealdade, como se vê, digno d'uma referencia elogiosa na historia das tradições heroicas no cumprimento d'um dever de homem de bem.

*

Quando ha annos a Companhia dos Phosphoros quiz fazer uma emissão de acções para augmentar o seu capital, um grupo de accionistas do Porto que considerava desvantajosa aos seus interesses esta operação, convidou o advogado Affonso Costa para ir a Lisboa, com procuração sua, assistir á reunião da Companhia e combater a operação. Affonso Costa acceitou a incombencia, e n'esse proposito, partiu para Lisboa. Ahi, em conversa com um politico (o Oliveira Mattos, presume o meu informador, sem garantir a certeza), Affonso Costa diz-lhe que ia como advogado dos accionistas do Porto combater a emissão d'acções. Faz-se a reunião dos accionistas da Companhia e Affonso Costa, com verdadeiro espanto do politico a quem confessara o fim da sua missão, combate os interesses dos seus constituintes e defende calorosamente a vantagem da operação que a Companhia queria realisar. Soube-se depois a razão d'esta traição infamissima.

Informados de que Affonso Costa ia combater a emissão d'acções, alguns accionistas que se empenhavam na sua realisação procuraram Affonso Costa na noite anterior ao dia da reunião da Companhia e offereceram-lhe uma avultada importancia para elle, em vez de contrariar, defender a operação. A eloquencia do dinheiro minou-lhe a consciencia e transmudou o defensor dos accionistas do Porto no seu maior adversario. E' bem de ver que elle, vists que não advogado na reunião da companhia os interesses dos seus constituintes do Porto e os trahira velhacamente, lhes não devia exigir dinheiro por serviços que não prestara. Pois exigiu: appresentou-lhes as contas da despesa, como se realmente lhes tives-se advogado a causa. E que contas! Como sempre, contas de Gonçalo de Cordova, o Grão Capitão, mestre em ladroeiras. Ludibriou-os e ainda os roubou, se é que elles chegaram a pagar, ou pelo menos quiz rouba-los.

Um exemplar de honradez profissional que só por si basta a definir a seriedade d'um advogado e a recommenda-lo á consideração publica.

Com taes predicados, não é de maravilhar que que tão extraordinario patife seja o idolo dos republicanos. Um tratante d'esta laia estava naturalmente indicado para ser e não podia deixar de ser, para canalhas um idolo. *Similes cum similibus ...*

Informe-se V., se quizer, em Coimbra e no Porto, que talvez colha mais pormenores dos factos edificantissimos que ahi deixo fielmente narrados.

Iconoclasta.

1.º Que Affonso Costa batia na mãe não ha duvida nenhuma. Lembram-se os leitores do *Povo de Aveiro* que fizemos reserva sobre a primeira communicação que recebemos a tal respeito. E' uma coisa tão monstruosa bater nos paes, e, sobretudo, na mãe, que declarámos, á primeira communicação que recebemos a tal respeito, não acreditar. Mas, depois, outras informações vieram, de caracter particular, a confirmar a accusação. Era verdade!

Batia muito? Batia pouco? E' inteiramente exacto o que acima se conta? São esses precisamente os factos? Pouco importa. Ou o Affonso Costa quebrasse o braço á mãe ou não quebrasse, ou a atirasse por a escada abaixo ou não a atirasse, desde que lhe batia... está dicto tudo. O facto culminante é esse.

2.º O que se refere a proposito de Fratel e lente Chaves não só é verdadeiro como ha muito mais a dizer a esse respeito. E isso basta para mostrar quanto é canalha o tal Affonso Costa.

A combinação não era só o que fica referido. Era, tambem, escreverem os dois, Fratel e Affonso Costa, artigos contra o lente nas *Novidades.* Começou Fratel. Mas Affonso Costa... só depois que se apanhou lente da Universidade. E' um grande canalha!

Havemos de vêr se nos é possivel apanhar os artigos trocados mais tarde entre Affonso Costa e o lente Chaves que esclarecem e completam esse caso.

3.º Não podemos colher informações sobre o caso da Companhia dos Phosphoros. Mas, em primeiro logar, cesteiro que faz um cesto faz um cento. Quantas tem elle feito n'esse genero? Em segundo logar, se a primeira das informações hoje publicadas é verdadeira, pelo menos no fundo, se a segunda só pecca por deficiencia, a terceira deve ser exacta.

E continuaremos no proximo domingo.

Justiça a todos

Ha mezes publicámos aqui vários artigos demonstrando que a Universidade de Coimbra, por circumstancias que referiamos, era um estabelecimento condemnado para o ensido superior em Portugal. Que era inutil tentar dar-lhe volta. Que era já uma questão de *psychologia coimbrã.* Que, em Coimbra, a Universidade nunca seria nada. E que, por conseguinte, um ministro que tomasse a peito a obra patriotica d'uma sã reforma do ensino superior, um ministro despido de considerações com falsos interesses, um ministro sem preconceito d'escolas ou d'outra qualquer ordem, um ministro bem orientado, um ministro inspirando-se unicamente nos interessses da nação e nas conveniencias do ensino, só uma coisa util, pratica, efficaz poderia fazer em Portugal: juntar a Escola Medica, a Escola Polythechnica, o Curso Superior de Lettras, n'uma boa combinação, e fundar em Lisboa uma Universidade; juntar a Escola Medica, a Academia Polythechnica e com uma faculdade de lettras, e mais alguma outra, se quizesse, mas de forma a estabelecer egualdade entre Lisboa e o Porto, fundar no Porto outra universidade; e extinguir a Universidade de Coimbra.

Este era e é o nosso modo de ver. A nossa inabalavel opinião. Era e é.

Para tornarmos saliente o abaixamento moral e intellectual da Universidade de Coimbra citavamos varios casos. Mas dois mais importantes, em artigo de 21 de março do corrente anno. Um succedido com um lente de medicina, outro succedido com um lente de direito. O succedido com o lente de direito — vamos transcrever—era este:

Um dia, um lente de direito, em plena aula, expoz um caso de separação de conjujes. Narrou. Com minucias. Commentou. Com commentarios pouco favoraveis para uma das partes. Um estudante, que estava presente, um alumno, um discipulo, ouvia, attonito, porque era o caso do seu pae e da sua mãe. "Não ha duvida„, dizia a si proprio o estudante. "Este homem foi advogado de minha mãe. E' o caso d'ella! E' o caso de meu pae!„ E ainda não tinha cahido do seu pasmo, quando ouve o professor dirigir-se-lhe e perguntar:

— Que lhe parece isto, sr. Fulano?

O rapaz teve a resposta imminente dos labios: "Que o senhor não é um professor, e nem sequer um simples canalha. Que é o ultimo dos canalhas, por todos os motivos indigno d'estar n'esse logar.„

Mas... conteve-se. Seria a sua expulsão. Quando o não fosse, seria attrahir sobre a sua cabeça a perseguição do professor, vil e mau. Limitou-se a declarar ... que não era obrigado a dar respostas a perguntas isoladas.„

Commentavamos. Mas não vale a pena, nem temos espaço, transcrever os commentarios. Basta reunir. Reuniremos.

Aquelle homem, manifestamente, atraiçoava uns poucos de deveres.

1.º O d'aquella decadencia e o d'aquelle respeito que todo o homem deve a si proprio, desde o varredor da rua até ao rei.

2.º O do sigillo profissional.

3.º O da justiça. Elle não tinha chegado a entrar como advogado no processo. Apenas tinha ouvido uma das partes. Era verdade, não era verdade, o que tinha ouvido a essa parte? O que diria a outra? Que provas teria a outra? O que appareceria no dia do julgamento, havendo julgamento? O que seria o julgamento? O que resolveria o tribunal?

4.º O da obediencia á lei. A lei dá um caracter tão intimo e reservado a questões d'essa natureza que só admitte julgamento secreto, que nega certidões do processo, que manda queimar os depoimentos escriptos das testemunhas na presença do juiz e do ministerio publico decidida a causa definitivamente, e ainda o traslado do depoimento das partes ou testemunhas inquiridas em juizo differente.

Era uma monstruosidade, uma verdadeira monstruosidade, o que esse homem praticava.

Pois bem. A scena teve ha dias o seu epilogo. O professor chama-se Teixeira d'Abreu. O estudante chama-se Homem Christo.

O professor accusa o estudante de ser mau estudante. E' exacto. Mas o estudante accusa o professor de ser mau professor. E' exacto.

O professor accusa o estudante de ser *repontão,* de ser *indisciplinado.* E' exacto. Mas o estudante accusa o professor de ser odiento, perseguidor, vingativo, vil, canalha. E' exacto.

O estudante não tem desculpa, mesmo a admittir-se a sua insufficiencia cerebral. A sociedade não é obrigada a aturar malandros. O estudante tinha obrigação d'estudar, tanto mais quanto mais se dissesse revoltado. Não o fazer foi acto de pouca dignidade. Mas o estudante tem razão para dizer: "Aquelle canalha trazia-me de ponta e tanto fazia eu estudar como não estudar que—e elle dizia-o—eu seria, n'uma materia vasta como o direito civil, fatalmente reprovado.„

Tem razão. Comtudo, o estudante vae ser expulso e o professor fica na sua cathedra... omnipotente e respeitado. Quando aqui, em boa justiça, só havia uma coisa a fazer: dar no rapazola, em sessão publica, uma duzia de palmatoadas —e os camaradas que gritassem horror ao despotismo! — expulsar da Universidade, a pontapés, o professor que, pelos factos narrados, se tornou indigno d'occupar o seu logar.

Um professor assim é, socialmente, mais perigoso que um anarchista, mais prejudicial que um ladrão.

Justiça a todos.

Que a consciencia publica junte mais este artigo ao processo instaurado de ha muito á iniqua Universidade.

Monstruoso

Já n'outro ponto nos referimos á monstruosa attitude dos jornaes republicanos em face do crime de Cascaes. E' preciso que o espirito de quadrilha se tenha infiltrado muito profundamente no organismo republicano indigena para assistirmos a esse espectaculo de desvergonha e de vileza. A esse espectaculo d'infamia, a esse espectaculo de descaradissima affronta á justiça, de ultrajante desprezo do pudor publico. A attitude do *Seculo,* do *Mundo* e da *Lucta* traduz-se n'um acto de solidariedade, de cumplicidade, d'applauso publico.

E' uma imbecilidade. Mas é, ao mesmo tempo, uma grande affronta.

E' uma grande imbecilidade porque, como atraz, n'um outro artigo, já pozémos em evidencia, isso vem confirmar todo o caracter republicano que logo se viu no crime. O crime podia ter sido commettido por um republicano sem ter sido commettido *pelo partido republicano.* Faz muita differença e para esse ponto importantissimo chamamos a attenção de quem nos lê, a attenção do paiz. Nenhum partido está livre de ter um tratante, dois tratantes, meia duzia d'elles, um cento d'elles dentro de si. Isso não o deshonra. Nem sequer o compromette. O que o deshonra, o que o compromette, é a solidariedade com os tratantes. Essa solidariedade teve-a sempre o partido republicano e tem-a mais uma vez.

O partido republicano não só nunca expulsou os individuos que dentro d'elle se evidenciaram como tratantes, não só nunca fulminou os crimes commettidos pelos seus, como exaltou esses tratantes, perfilhou ou defendeu ou occultou esses crimes. Eis a sua tremenda responsabilidade! A sua deshonra! A sua infamia!

Sem a sua conducta após o assassinato do rei D. Carlos e do principe D. Luiz Filippe nunca se poderia dizer: *quem matou o rei D. Carlos e o principe D. Luiz Filippe foi o partido republicano.* Não. Sem essa conducta, quem tinha matado o rei D. Carlos havia sido um assassino: o Alfredo Costa. Quem tinha matado o principe D. Luiz Filippe havia sido um assassino: o Buiça. Mas depois d'essa conducta, o Alfredo Costa desappareceu, o Buiça desappareceu. Ficou só o partido republicano. O partido republicano abrangendo os proprios dissidentes, pois os dissidentes faziam n'esse instante obra republicana. Pois os proprios dissidentes iam na corrente da

demagogia, tendo como unico representante, legitimo e authentico, o partido republicano. Sem o partido republicano os dissidentes não teriam feito coisa alguma. São uma delegação do partido republicano, um ramo de demagogia republicana dentro da monarchia.

Depois da conducta havida pelo partido republicano em cima do crime do Terreiro do Paço, o Alfredo Costa desappareceu, o Buiça desappareceu. Não foi nenhum d'elles auctor do crime. Quem matou o rei D. Carlos, quem matou o principe real D. Luiz Filippe, foi o partido republicano.

Da mesma forma, quem matou agora o Nunes Pedro em Cascaes foi o partido republicano. Não foi o Guimarães nem o Fernandes, não foi Paulo nem Affonso. Se fosse o Guimarães ou o Fernandes, se fosse Paulo ou Affonso, o partido republicano, representado pelos seus jornaes o *Mundo*, o *Seculo* e a *Lucta*, comportar-se-ia em frente d'esse crime e em frente d'esses suppostos assassinos como se tem comportado em frente de muitos outros crimes e em frente de muitos e outros suppostos assassinos. Mas o partido republicano não só pratica a imbecilidade de o não fazer, como pratica a infamia, a affronta, a insolencia, de fazer o contrario sem rebuço.

Dos jornaes de reportagem, só o *Diario de Noticias* ficou a tratar do assumpto. O *Seculo*, que desce sempre a extremos d'infamia, pelo menos de porcaria, para exceder o *Diario de Noticias, desprezou* o assumpto. O *Mundo*, ainda mais infame na infamia e na porcaria para exceder o *Seculo* que o *Seculo* para exceder o *Diario de Noticias*, ainda mais que o *Seculo* desprezou o assumpto. Mais: procuram tirar-lhe importancia. Mais: insinuaram logo de principio que o caso de Cascaes era um desastre e não um crime. A cumplicidade é patente. A solidariedade é absoluta.

Não foi Adelino Luiz Fernandes, nem Domingos Fernandes Guimarães, quem matou Manoel Nunes Pedro. Foi o partido republicano portuguez!

Attenda o paiz!

E porque o matou? Attenda o paiz, que isto é verdadeiramente monstruoso! O partido republicano matou Manoel Nunes Pedro, porque Manoel Nunes Pedro não teve a resignação precisa para se sacrificar pelo partido republicano *até ao ultimo extremo*. Só por isto!

Manoel Nunes Pedro prestou-se a ir para Badajoz. E Manoel Nunes Pedro prestou-se a ir para o Dondo. Não era pouco. Era já um grande sacrificio. Abandonar a sua patria, abandonar a sua familia, sujeitar-se a climas perigosos, a meios differentes é, para todo o homem, um grande sacrificio. Mas Manoel Nunes Pedro não se sujeitou a *morrer de fome*. Não levou o sacrificio até esse extremo. E o partido republicano, absoluto, tyrannico, n'esse momento como sempre, ahi como em tudo, exigia que Manoel Nunes Pedro se sacrificasse *até morrer de fome*. Não só isso: e que morresse de fome *sem fazer ouvir um murmurio, sem soltar um gemido*. Murmurou? Gemeu? Morra! Seja despenhado cruelmente, impiedosamente, depois de se lhe martelar o craneo, na Bocca do Inferno!

Um dos mais repugnantes, um dos crimes mais odiosos commettidos n'esta terra.

E o partido republicano folga em cima d'elle! O que se temia em Manuel Nunes Pedro? Que elle denunciasse? Como, se o desgraçado se prestava a ir para o Dondo?

Nem esta allegação se pode fazer. O odiosissimo, o vilissimo grupo d'assassinos e ladrões que irrisoriamente tomou em Portugal o nome de partido republicano, não pode, sequer, dizer, que matou Manuel Nunes Pedro por elle ser um traidor. Manuel Nunes Pedro, o desgraçado, só pedia que lhe dessem de comer. Só exigia que o não deixassem morrer de fome, e á sua mulher e aos seus filhos. Só murmurava porque o lançavam ao abandono, e á sua mulher e aos seus filhos. Davam-lhe um emprego, fosse elle no fim do mundo? O desgraçado ia para lá, e ia contente. Mas o dinheiro no partido republicano mal chega para pagar as devassidões do Affonso Costa, do França Borges, do Alexandre Braga e d'outros muitos. Mas o dinheiro no partido republicano é para alimentar as gatunices do Arthur Leitão, do Padua Correia e d'outros insignes jornalistas. Mas as influencias do partido republicano só servem para Affonso Costa apanhar 24 contos de reis ao interdicto Esteves Ribeiro e 13 contos de reis á Companhia dos Phosphoros. E assim por deante. Os humildes, os desgraçados, que se arranjem. Morreram das balas da municipal ou da policia em chinfrins provocados pelos jornalistas e tribunos da *democracia*? Os jornalistas e tribunos fazem-lhe solemnes exequias... com discursos e artigos. Ficam entalados por se descobrirem as conspirações *em que os envolveram*? Morrer de fome, sem um gemido, sem um queixume! Ao abandono! Ao mais completo abandono! Ou então... cabeça esmagada na Bocca do Inferno!

E' o crime mais monstruoso que se tem praticado n'este paiz.

E' o que politicamente e socialmente mais define o partido republicano portuguez. Que já não assassina só os reis tyrannos e poderosos, mas tambem os filhos do povo indefesos e humildes. Que já não manda matar só quem os incommoda com os decretos e as leis governativas, mas tambem quem os incommoda com supplicas e gemidos.

Assassinos! Assassinos!

Partido de ladrões! Partido d'assassinos!

Torre de S. Julião

26 d'outubro.

A forma republicana é superior á forma monarchicha. A republica é o complemento logico da monarchia constitucional. A monarchia constitucional não era, não podia ser, senão uma forma intermedia. Desde que a soberania era posta nas mãos do povo, desde que eram abolidos os morgados e todos os privilegios de nascimento, a monarchia constitucional era illogica, era mesmo um aborto, e só circumstancias excepcionaes a podiam justificar. Era um regimen transitorio, meramente transitorio.

Ora quaes eram as circumstancias excepcionaes que justificavam esse regimen transitorio? Era, por um lado, a transigencia com o passado, bastante forte pela tradicção e pelo interesse das classes que o representavam para pesar na balança. E era, por outro lado e sobretudo, a incapacidade das classes populares para o exercicio da plena soberania.

O regimen constitucional era obra d'uma pequena minoria, em que os intellectuaes constituiam o elemento preponderante, o elemento decisivo. Isto em toda a Europa. O povo das cidades acompanhava essa pequena minoria burgueza inconscientemente. Todo o pobre quer ser rico. Todo o humilde quer ser poderoso. Quem não se sente com absoluta liberdade quer ter a liberdade toda. Os intellectuaes promettiam ao povo melhoria de condições e o povo ia com elles. Mas ia ao acaso. Mas ia ás cegas. Como vae hoje ainda em Portugal com os republicanos e como vae n'outros paizes com os socialistas e os anarchistas. Qual a formula pratica do collectivismo? Ninguem sabe. Por mais que se diga... ninguem sabe. O que é o anarchismo? Uma coisa muito linda em theoria. Mas evidentemente falsa. Absolutamente impraticavel, dado o estado de relativa selvajaria em que se encontra ainda a humanidade.

O regimen constitucional era obra d'uma pequena minoria e, provisoriamente, para seu uso exclusivo. A transigencia com o principio monarchico vinha d'ahi. A minoria triumphante quebrava d'essa forma a resistencia da realeza e das classes conservadoras, clero, exercito, aristocracia, que faziam, em grande parte, causa commum com a realeza. Mas transigia principalmente por não ter capacidade em que se apoiar nas classes populares. Era preciso formar, constituir essa capacidade. Elevar o nivel moral, intellectual e material das multidões. Liberta-las. Dar-lhes consciencia civica. Dar-lhes independencia. Pô-las a andar pelo seu pé. D'outra forma o regimen constitucional, convertido em instrumento de odiosas oligarchias, seria um sophisma, uma burla, peor que o absolutismo. E a passagem para a republica tornar-se-hia impossivel. Ou seria.... sobre queda, coice. De mal a peor. A monarchia constitucional peor que a monarchia absoluta e a republica peor que a monarchia constitucional.

Viu-se isto assim, comprehendeu-se d'esta forma na Inglaterra, na Allemanha e n'outros paizes da Europa? Viu, comprehendeu, e, por isso, os detentores do poder no novo regimen puzeram especial cuidado em instruir as classes populares. O primeiro instrumento de progresso, de capacidade, de consciencia civica, era a instrucção. Instrumento de progresso industrial, de progresso commercial, portanto de riqueza publica, e instrumento de progresso politico. Não bastava. Era preciso completar a instrucção com a educação. Mas o primeiro instrumento, sem o qual nada se fazia, era a instrucção.

Instruiu-se. Educou-se. E instruiu-se e educou-se em guerra aberta e furiosa com as classes, a moral e o sentimento que representavam o passado? Não. Ainda no penultimo numero d'este semanario, na secção *Tribuna*, se viu, pela bocca d'um anarchista, que nem por ser anarchista deixa de ser um grande observador e um grande escriptor, o que se pratica a tal respeito na Allemanha. Na progressiva Allemanha. Na nação poderosa, forte, progressiva por excellencia.

Toda a moral ensinada na Allemanha, diz o anarchista Jules Huret, é a moral religiosa. *Toute la morale enseignée en Allemagne consiste en morale religieuse.* Os rapazes não completam os seus estudos sem saberem de cór dezeseis canticos, o Sermão da Montanha em grego e o catecismo completo. *Les jeunes gens qui passent leurs examens de fin d'études (et ils ont vingt ans!) doivent savoir par coeur seize cantiques, le Sermon sur la Montagne en grec et le catéchisme complet.*

Isto em Portugal seria motivo para todo o mundo gritar *horror!* Isto em Portugal seria motivo para todos os *libaraes* considerarem a patria perdida. Que de berrarias em comicios e jornaes! Camachos, Menezes, Marinhas de Campos, Macieiras, Bombardas, tudo isso andaria em polvorosa. Em polvorosa! Em polvorosa, por muito menos, andam elles. Não ha paiz na Europa de menos espirito religioso que Portugal. Em nenhum paiz da Europa tem menos influencia e opprime menos o clericalismo do que em Portugal. E os *libaraes* andam ahi a dizer e a fazer o que se vê! O que diriam, o que fariam, se os rapazes em Portugal não podessem completar os seus estudos *sem saberem de cór dezeseis canticos, o Sermão da Montanha em grego e o catecismo completo?* Oh, o que fariam! O que fariam não sabemos. Mas pelo que fazem e pelo que dizem agora, só poderiam, então, dignamente, fazer uma coisa: afogarem-se no Tejo. Clamarem em desespero, em lagrimas, em dôr, imitando o heroe romano: *O' patria, não possuirás os ossos meus!* e correrem, de pedra ao pescoço, a precipitarem-se no Tejo. O Tejo é nosso. Mas os ossos não ficavam lá. Iam Tejo abaixo ou para o bucho dos peixinhos.

O que fariam! O que diriam! Provavelmente, —é certo,— não fariam nada. Mas maldições e prophecias não faltavam. Principalmente se soubessem mais isto, que nos conta Jules Huret, no seu livro *De Hambourg Aux Marches de Pologne*, e que o *Povo de Aveiro*, na citada secção *Tribuna*, já publicou: «Ha muitos atheus no alto pessoal docente das Universidades, mas todos pagam o imposto religioso. Nenhum tem a coragem moral, a elementar independencia d'espirito necessaria para se recusar. Para a Universidade de Berlim só são chamados professores d'um lealismo provado e de religião lutherana. O grande biologista Hæckel nunca foi chamado a Berlim por apregoar atheismo e ser visto com maus olhos pelos padres lutheranos.» *Ainsi, il existe beaucoup d'athées dans le haut personnel enseignant des universités, mais tous payent l'impôt religieux. Aucun n'a le courage moral, l'inpépendance d'espirit élémentaire de s'y refuser. A Berlin, ne sont appelés à l'Université que des professeurs d'un loyalisme éprouvé et de confession luthérienne. Le grand biologiste Haeckel n'a jamais été demandé à Berlin parce qu'il affiche des idées athées et que les pasteurs le regardent d'un mauvais œil.*

A moral christã, dizia a Jules Huret o director d'um estabelecimento d'ensino, está acima de toda a controversia. *La Bible n'est pas un système philosophique, et la morale chrétienne est au dessus de tout controverse.*

Jules Huret acha isto mau, e eu tambem. Mas, por achar isso mau, acha Jules Huret a Allemanha uma nação perdida ou atrazada? Não. Os seus tres livros sobre a Allemanha são um hymno pegado de louvores e um grito vibrante d'admiração. O povo allemão é, incontestavelmente, um grande povo.

Pela mesma forma se instrue e educa na Inglaterra, na Suissa, na Suecia e Noruega, na Dinamarca, nos Estados Unidos da America do Norte, nos paizes que caminham na vanguarda da civilisação. Ninguem anda alli a metter bombas de dynamite por baixo do sentimento religioso, do sentimento de patria, do sentimento de familia. Ninguem se aproveita da ignorancia popular para a jogar como ariete bruto contra o clero, contra a aristocracia, contra a alta burguezia, contra as tradicções nacionaes, contra a ordem, contra a disciplina social.

E aqui? Aqui, n'esta terra? Aqui o constitucionalismo só serviu para, á sombra d'elle, se organisarem verdadeiras quadrilhas. Aqui o elemento dominante, a minoria intellectual, faltando inteiramente á sua missão *preparadora* das camadas populares, tornou o constitucionalismo mais immoral, mais perturbador, que o gasto e desconcituado regimen do absolutismo. Aqui não houve o menor escrupulo em desmoralisar o povo, em lhe arrancar da alma todos os principios de moral, em o tornar indisciplinado, desordeiro, dissoluto, por isso que nunca se visou a evolução, o aperfeiçoamento do regimen, o interesse da idéa e da patria mas o infame interesse de facção. Em Portugal não houve partidos liberaes. Em Portugal houve oligarchias, houve quadrilhas, assassinos, bandidos, cavalheiros d'industria, ladrões, pondo o barrete phrygio na cabeça e embrulhando-se no manto da liberdade.

N'estas condicções, qual era o dever d'um homem d'espirito e d'um homem de coração? Constituir um partido, que não fosse uma quadrilha. Um partido d'evolução, de progresso, de educação. Um partido de justiça e de verdade. E, sendo impossivel exercer essa acção patriotica, humana, educativa, progressiva, moralisadora, dentro dos partidos monarchicos, convertidos em quadrilhas, só restava exerce-la n'um novo partido, e esse partido, intelligente, logicamentemente, não podia, não devia deixar de ser republicano.

N'estes casos e circumstancias surgiu o partido republicano em Portugal. E n'esses casos e circumstancias nos filiámos n'elle. Não o constituimos. Mas entrámos n'elle quando elle verdadeiramente, 1880, se constituiu. Como o partido republicano correspondeu á espectativa e aos esforços dos sinceros democratas, dos patriotas, dos homens honestos, ei-lo ahi.

Fomos e somos republicano. Firmemente o fomos e firmemente o somos. Mas republicano por amor dos principios e da patria, e não por amor d'uma quadrilha. Mas republicano para servir os interesses da nossa idéa e os interesses da nossa patria e não os interesses d'uma quadrilha. Mas republicano por amor da verdade e da justiça e não por amor da mentira, do vicio e do crime. Desde que vissemos o partido republicano enveredar pelo caminho das quadrilhas, usar os mesmos processos, recorrer ás mesmas infamias, o nosso dever de homem e de politico era collocarmo-nos no campo em que estamos. Era combater com mais vigor, com mais energia a nova quadrilha que as velhas quadrilhas. E com mais energia, com mais vigor, com mais raiva se quizerem, porque ella era mais perigosa e mais infame que as outras. Mais perigosa, porque em vez de ser a anniquilação, que eu esperava, que esperavam todos os homens dignos, todos os democratas sinceros, todos os patriotas a valer, do espirito de quadrilha, foi a consagração, foi o triumpho definitivo—se não apparecer ainda alguem capaz de o esmagar, ou se já não for tempo de o esmagar—d'esse espirito odioso. E mais infame porque representa, pelo menos para mim, para a sinceridade dos meus principios, para a confiança e honestidade com que lhe dei no começo o meu apoio e com que procurei muitas vezes leva-la a bom caminho, uma traição.

Pois eu não hei de odiar mais essa quadrilha, que representa para mim uma decepção e uma traição, independente de todas as infamias que pessoalmente me tem feito, essa quadrilha torpe, essa quadrilha hypocrita, que as quadrilhas monarchicas? Só se eu não tivesse caracter, nem intelligencia. Seria tolo e indigno. O meu dever é combate-la á *outrance*. Sem treguas, sem quartel, sem piedade. O meu dever d'homem, de patriota, e de republicano. Sim, e de republicano. Pois não é ella uma hypocrisia, uma traição, uma infamia republicana? Sim: o meu dever d'homem, de patriota, e de republicano.

Mas combate tudo, dizem. E porque não hei de eu combater tudo? Pois o que se salvou e quem se salvou dentro do actual partido republicano?

O que? Quem? O João de Menezes? O Brito Camacho? Ora bolas.

Tudo, sim, porque tudo deu provas da maior fraqueza, de intelligencia e de caracter.

E' certo que João de Menezes, Brito Camacho e outros, fazem differença de Affonso Costa, Cunha e Costa e quejandos. Mas eu tambem já os distingui chamando-lhes... *pulhas de bem*. Não teem direito a mais nada. E' justiça. Não teem de que se queixar. Não teem direito a mais nada. Quem se mostrou tão fraco de caracter que só em segredo, entre os amigos, os intimos, ou por meio de piadinhas timidas e ridiculas, soube protestar contra as infamias a que estava presa a sua responsabilidade, em que era solidario, só entre os pulhas pode ser homem de bem. Pulhas de bem, e nada mais.

O que se salvou e quem se salvou n'essa vil quadrilha que se rotulou de partido republicano? Quem, se não houve um homem só que tivesse um impeto de indignação para gritar—*basta!* a tanta canalhice, a tanta hypocrisia, a tanta infamia que se commettia ao seu lado? Quem, se não houve uma cabeça que tivesse dois dedos d'intelligencia para vêr que um partido de tal ordem não seria capaz—vindo a sossobrar fatalmente e ignominiosamente—de salvaguardar nem os interesses da idéa, nem os interesses da patria, nem os seus proprios interesses partidarios?

Para quem é republicano, sinceramente republicano n'esta terra, e como tal honesto e patriota, só ha um recurso a esperar: que o tempo melhore as condições moraes e intellectuaes do meio e appareça, emfim, sobre os destroços d'isso que ahi está, um partido capaz de servir lealmente a democracia e a patria. Um só recurso a esperar e um só dever a cumprir. O recurso é esse. O dever é, como os medicos em face da doença, auxiliar o organismo ou a natureza na sua tendencia eterna a... viver. Nenhum medico digno de tal nome alastra ou profunda o fóco d'infecção, ou sopra os microbios funestos para cima do doente. Pois o mesmo fazemos nós.

Com violencia?

Porque ainda temos caracter para nos indignar.

Com extremo vigor?

Porque ainda temos sinceridade, que dê força e calor ás nossas palavras.

N'esse vigor, n'esse eterno vigor que nos attribuem, está a melhor prova da nossa sinceridade.

Nunca ha vigores assim á sobreposse. Quando elles existem tão tensos, continuos e vibrantes, é porque a alma e o corpo ardem n'uma chamma sempre viva. Que recebe o nome commum de:—*sinceridade.*

H. C.

Pulhas de bem

A *Lucta* publicava, quarta feira, isto:

O correspondente do *Diario de Noticias* em Paris assigna—Silva Lisboa. Não sabemos se é nome, se é pseudonimo, mas sabemos que tambem assim se chamava um fulano que foi popular em Lisboa, tendo militado por largos annos no partido republicano, onde teve um logar de evidencia.

O Silva Lisboa do *Diario de Noticias* informava outro dia que as manifestações pró-Ferrer, em Paris, tinham sido um desabafo de *apaches* contra a burguezia. Ora revolvendo nós uma papelada que temos em logar seguro—não se incommode a policia!—encontrámos lá a carta que a seguir publicamos, dirigida ao rei D. Carlos, e assignada por Silva Lisboa.

Façam favor de ler... e admirar:

Meu Senhor

Sabendo que Vossa Magestade tenciona retirar-se hoje para Villa Viçosa, mas ignorando quando regressará, resolvi tomar a liberdade de vir lembrar o favor do *passe* do caminho de ferro para Paris, de que preciso no dia 2 do proximo setembro. E' possivel que Vossa Magestade regresse antes d'aquelle dia, mesmo por causa da viagem a Castello Branco, mas como eu não sei o dia do regresso, e como pode não haver tempo para me obter o favor que eu desejo, razão por que deliberei incommodar hoje a Vossa Magestade com este meu pedido, certo de que Vossa Magestade ratificará a generosa promessa feita.

Pelo portador dignar-se-ha Vossa Magestade mandar-me as suas ordens a tal respeito, bem como a respeito de quaesquer instrucções que Vossa Magestade queira fazer-me transmittir, a proposito da minha viagem, ou de com quem me devo entender.

Informando Vossa Magestade de que por cá não ha a menor novidade politica, pois que tudo corre normalmente, cumpro um dever de lealdade. Não creio mesmo que antes da abertura do parlamento, em novembro, a politica dê signal importante de vida.

Beija respeitosamente as mvos de Vossa Magestade quem muito se presa de ser

De Vossa Magestade
leal servidor
(a) *Silva Lisboa.*

26-8-901.

P. S. Se Vossa Magestade fizesse com que o sr. Marianno de Carvalho me mandasse abonar, "em troco," alguma porção de francos, eu pouparia muito, evitando o agio do cambio, com pouco dinheiro que tenho para a viagem. *Lisboa.*

Se o correspondente em Paris do *Diario de Noticias* é o mesmo signatario d'esta carta, e se os dois são apenas aquelle Silva Lisboa que durante annos militou no partido republicano, prégando moralidade e reclamando justiça, com sobeja auctoridade chama elle *apaches* aos homens superiores que na capital de França se manifestaram contra o inquisidor Maura, correndo o risco de se fazerem matar pela policia... Mas o melhor será não dizermos muito mal do homem, que póde elle ámanhã reingressar no partido, e termos nós de o gramnar, o que não seria caso virgem....

Estas ultimas palavras, provam, mais uma vez, quanto é fundada e justa a designação *pulhas de bem*, applicada por nós aos beneméritos catões João de Menezes e Brito Camacho.

Mas o melhor será não dizermos muito mal do homem, que pode elle amanhã reintegrar no partido, e termos nós de o gramar, o que não seria caso virgem...

Isto é *piada* ao Cunha e Costa. Elles gramaram o Cunha e Costa. Elles gramam quantos bandidos e quantas infamias o partido republicano queira.

Elles o confessam!

Elles não estão no partido republicano, os pulhas, para servir a verdade e a justiça. Elles não estão no partido republicano para fazer do partido republicano um partido de gente honesta, ou não o conseguindo, para se retirarem. Elles, estão no partido republicano para... gramar!

O partido republicano, sem nenhum respeito pelo decoro publico, converte-se n'uma quadrilha, n'um bando de malandros? Admitte, consagra, exalta todos os miseraveis que lhe batem á porta? Os catões João de Menezes e Brito Camacho não procuram levar o partido republicano a outro caminho. Não protestam. Não se revoltam. Não sabem, em ultimo caso. *Gramam*, que é, precisamente, a funcção de todos os pulhas! O pulha não tem outra funcção. A funcção do pulha, em qualquer parte, seja qual for a sua cathegoria, seja qual for o meio, sejam quaes forem as circumstancias, é... *gramar!*

E digam lá que não os favorecemos ainda chamando-lhes... *pulhas de bem!*

E a suprema covardia d'estes pulhas?

Silva Lisboa tinha atraiçoado o partido republicano em 1884. Foi n'esse anno, se não nos falha agora a memoria e, onde estamos, não temos meio de o verificar, mas não falha—foi n'esse anno que se lhe lançou pela primeira vez essa accusação. Como o partido republicano era useiro e vezeiro n'essas accusações, e as dirigia indistinctamente a quantos lhe desagradavam, durante quatro ou cinco annos hesitou-se sobre se seria verdadeira ou não a que era dirigida a Silva Lisboa. Mas, depois, não restaram duvidas a ninguem. Não ha nada que se não venha a saber, e é bem certo.

Mas como Silva Lisboa, peores do que elles, havia e ha outros no partido republicano. A propria *Lucta* o reconhece! Silva Lisboa, no meio da sua indignidade, teve, ao menos, a dignidade de não tornar a bater á porta do partido republicano. Mas outros miseraveis, tantos outros miseraveis—não é só o Cunha e Costa — que abandonaram o partido republicano para irem comer á mangedoira da monarchia, regressando, depois de terem apanhado empregos, depois de terem apanhado honrarias, depois de terem apanhado concessões de toda a ordem, ou por não terem apanhado quanto queriam, a comer na mangedoira da republica? Silva Lisboa seria deputado, vereador, membro do directorio, tudo, no partido republicano, se a elle tivesse querido regressar. Não quiz. Teve, ao menos essa dignidade. E em 1901, data da carta que a *Lucta* publica, já estava tão descoberto que ninguem o podia tomar como um *espião republicano*. Em taes circumstancias, a publicação d'essa carta representa alem do mais, uma grande covardia.

Brito Camacho e João de Menezes *gramam* os pulhas, que o partido republicano lhes impõe. E atiram sem piedade aos pulhas, que por não tornarem a bater á porta do partido republicano, ou não andarem a fazer a corte ao Bombardino Rachado e ao Affonso Costa, o partido republicano ... lhes não impõe!

Estão definidos. Mas definidos *com benevolencia*. Creiam todos, e não ha de custar muito a acredita-lo, que chamar-lhes *pulhas de bem* é favorece-los.

Immunidades... parlamentares

Sobre o caso Baracho escreve-nos um official do exercito e diz-nos:

"Pela rethorica do *immundo*, um capitão arregimentado que for par do reino pode commetter as faltas que quizer que o commandante nem o pode reprehender! Se o ministro da guerra não pode punir o general, o commandante não pode punir o capitão. E' logico.„

Lá isso é. Logico e bem logico. Mas para quem tem a logica dos principios e a logica da razão. Mas elles só teem a logica das conveniencias. Nada mais.

Temos em nosso poder varias publicações que não sahem n'este numero por falta de espaço. Sahem no numero immediato.

Sr. Redactor.

Bravo, illustre redactor! Assim é que é! Muito bem! Só V. pelo seu intemerato jornal seria capaz de me fazer sair da indifferença a que pelo desalento dos que querem e não podem me remetti. Só o *Povo de Aveiro* uma vez em cada semana logrou robustecer-me a esperança de que isto não está completamente perdido. Tendo abandonado ha muito tempo a leitura da imprensa politica e demorando-me no paiz o menos tempo que posso, começo a prender-me a elle, prisão tanto mais forte, quanto mais probabilidades vejo de ver cair por uma vez e finalmente, todos os gigantes de pés de barro e de entranhas de sicario, que com differentes mascaras tem explorado e desmoralisado o paiz, desfazendo-me a crença antiga de que os seus extraordinarios recursos seriam bastante resistentes para evitar a queda que a horda constantemente lhe tem vindo preparando.

Sim, illustre radactor, tudo quanto para ahi ha, alta democracia, alto militarismo, parlamento, imprensa, etc. etc, faz parte da oligarchhia politico-burocratica e está nas mãos da quadrilha que por ser numerosa e ver o quociente a diminuir á maneira que o divisor augmenta e o dividendo vae sendo reduzido, começa a ter luctas intestinas disputando-se por emquanto cuidadosamente com a esperança que os ambiciosos e insoffridos tem de apanhar boa maquia. Ao contrario do que é vulgar ouvir das boccas dos *patrioteiros* da politica: que Portugal é um paiz pobre e pequeno, phrase que tem servido para justificar todas as fraudes e desatinos que este pobre paiz tem soffrido; Portugal bem pelo contrario, não é tão pequeno que não esteja ainda em quatro das cinco partes do mundo, nem tão pobre e despovoado que não seja susceptivel de produzir tudo quando precisa; e capaz de manter no Brazil uma colonia numerosa e benemerita que é a verdadeira mina que annualmente rega o paiz com ouro, pagando indirectamente assim pela sua generosidade, a todos os escribas de má morte que a tem insultado e pretendido metter a ridiculo.

Portugal dispõe de todos os elementos de progresso exigidos pela civilisação, como o mais rico paiz da Europa, o que resta fazer? Destruir, anniquilar a horda *intellectual* que se impõe pelo fetichismo semeando a desordem e explorando ideias falsas que constantemente expande. Portugal não é naturalmente pobre. Está empobrecido.

Por quem? Só pelos monarchicos *libaraes* ou jesuitas? Não. Seria pueril acreditar que qualquer partido monarchico conseguiria levar o paiz á ruina se houvesse um partido republicano forte e bem orientado que quizesse oppor aos desmandos do poder o manejo da— Verdade — a unica arma politica que impõe a virtude e contra a qual a força numerica dos dissolutos se desfaz. Mas, sr. redactor, eu não estou tão desmemoriado, que me não lembre da marcha politica e da revolução partidaria de Portugal durante o ultimo reinado. Desde que a revolta de 31 de Janeiro matou o partido republicano, quem se lembrar dos ataques ao *Rei Simão* que para ir á caça, era indifferente ao serviço do paiz, cujos destinos entregava nas mãos dos chefes dos partidos da rotação, ideias tambem propagadas pelos servidores da monarchia na opposição; quem não tiver esquecido que durante o governo do ministerio Hintz-Franco, quando os republicanos já não davam accordo de si, o partido d'aquelles servidores na opposição não se cançava de esphalhar que o maior erro de João Franco tinha sido a anniquilação dos republicanos, que sempre serviam de *papão, de espantalho* para metter mêdo ao Rei.

Para *pôr mêdo!* Não para evitar desatinos e fraudes, como elles diziam, mas sim para arrancar favores e concessões de violencias para engrandecimento das oligarchias que chegavam á revezar-se no poder por periodos de tempo quasi eguaes; quem não esquecer que foi a falta do *papão* que de terminou os roubos da eleição da Azambuja e do Peral aos republicanos para que a lenda da sua força as creasse restabelecendo, exaggerando a força perdida e sobre tudo quem não esquecer que durante o ultimo governo de João Franco, não só havia jornaes dos que serviam a monarchia que se impunham ao Rei, tentando quasi pegar-lhe na mão, dictando-lhe e impondo-lhe o que elle devia assignar, mas tambem que os republicanos de mãos dadas com os monarchicos combateram João Franco, impellindo-o para a dictadura que terminou pelo crime mais repugnante que a historia regista; quando, se elles fossem sinceros, deviam primeiramente, por amôr ao paiz, ajudar á morte das oligarchias que Franco tinha seguro pelos gorgomilos e quasi estrangulados; não pode deixar de se convencer que os governos que no actual reinado se tem succedido no poder disfarçados e acephalos, deixando em casa os chefes dos partidos a que pertencem, são os mesmos do reinado anterior, a facção appotunista que serve a monarchia como ámanhã servirá a republica, juntando-se á facção que desde já sob a bandeira republicana guerreia o regimen sem ferir de morte os agentes d'elle que se não lembra de que se ámanhã fosse governo teria de inutisar a maior parte dos que hoje a applaudem. Perante a verdade dos factos não ha argumentos.

Em Portugal ha varios partidos politicos naturalmente; mas todos elles podem com verdade dividir-se em dois: um o dos explorados composto pelas victimas e por todos quantos sinceramente protestam contra o existente; e outro, o dos exploradores composto pelos que exploram o Estado sob a bandeira azul e branca ou sob a bandeira republicana. Aos primeiros pertence o maior numero e o mais rico. Disperso e composto por gente que só na noite encontra o unico armisticio para descançar dos trabalhos da vida que no dia seguinte recomeça; não tem tempo, não pode unir-se facilmente e nem sequer dar fé que lhe entram nas algebeiras e lhe corrompem a alma. Só em casos extremos se convulsiona, ruge e destroe; fazendo muitas vezes com que pague o justo pelo peccador, porque assim convem aos verdadeiros criminosos que mereciam a punição as quaes previamente lhes incutiram na cabeça todas as ideias falsas indispensaveis para se poderem escapar deixando os innocentes no seu logar. Aos segundos pertence a malta organisada que explora o Estado no poder e fora d'elle, que matou D. Carlos quando elle começou a interessar-se pelos destinos do paiz.

Ao dualismo desmoralisador que crearam como uma instituição axiomatica, contra a qual ninguem se oppõe de que um verdadeiro homem de bem, um caracter, um bom cidadão, não deixa de o ser se em negocios politicos foi um devasso ou um bandido; por conveniencia arranjaram-lhe um derivado mais verdadeiro: quer um homem que milite sob a bandeira republicana quer sob a monarchica, pode servir em empregos publicos no exercito, nos tribunaes e no parlamento e em toda a parte a facção opposta sem quebra de Fé e dignamente. Dizemos mais verdadeira, porque para se quebrar a Fé nos principios e haver traição, era preciso que esses principios existissem; ora em Portugal regeneradores, progressistas, *republiqueiros*, acratas e *livres-pensadeiros*, é tudo a mesma choldra, a mesma, zurrapa com differentes rotulos.

Se assim não é, porque continua a vereação municipal de Lisboa a manter os Gomes da Silva e outros funccionarios que o partido a que pertence, com excepção do primeiro, accusou dos maiores crimes? Porque collabora o partido republicano no parlamento deixando que os seus deputados frequentem uma camara nomeada ao abrigo da lei eleitoral, mais abjecta que o mundo tem visto, quando elles depois de eleitos, só uma vez lá deviam ir para propôr a revogação d'essa lei? Como consentiu essa camara de deputados nomeados, que os *livre-pensadeiros* em agosto invadissem as galerias e os republicanos dessem vivas á republica, havendo um só deputado velho que levantou vivas á monarchia, sendo seguido timida e covardemente por alguns collegas? Porque, quando do duello de palavra Homem Christo-Baracho, a imprensa não tugiu nem mugiu com respeito ao lado politico da questão, salvo a honrosa excepção do "Liberal„ quando os homens politicos que teem voz n'essa imprensa tem sido todos mais ou menos aggravados pelo *brigão* que um *desqualificado* apeou? Onde o aprumo de um ministro da guerra que só se lembrou da quebra da disciplina militar quando viu a carta de desafio publica-

da no jornal do *souteneur*? Haverá mais claras provas da connivencia de uns e outros na ruina do paiz?

Só os cegos que não querem vêr deixarão passar desapercebido que os mesmos que diziam que João Franco era um homem detestado em todo o paiz, que não tinha força; pois que o exercito, a armada, o povo, a mocidade das escolas, etc., tudo estava republicanisado; que só ao partido republicano pertenciam os talentosos, os sabios e os caracteres, concluindo no delirio da concepção d'aquelle quadro de fancaria da exposição Grandella, do *Bombardino Rachado* ao lado de Christo e dos fiascos *meetingueiros* pela provincia; esse João Franco que apesar da lucta prolongada, do abatimento physico e depressão moral era tão fraco que teve ainda força para assentar um rei no throno e conservou reduzidos ao silencio e sabe Deus em que estado de limpeza, durante os tres dias de governo posteriores ao regicidio, os fortes que de tudo dispunham, são os mesmos farçantes, os mesmos intellectuaes e progressivos que estão perdidos e desorientados procurando esconderijos com receio de cahir no lodaçal d'onde por tolerancia e connivencia dos que servem a monarchia têm andado arredados. E' vêl-os sem argumentos; rosnando por não poderem desfazer a impressão que o latego do "Povo de Aveiro„ tem deixado no publico por zurzir e retalhar as carnes creadas á custa do povo. E' vêr como elles recorrem ao adjectivo—*desqualificado*, para encobrirem a covardia que os tem alimentado. Tentando fazer calar quem os fustiga. Imbecis!

Como desqualifica uma pena especial exclusivamente militar, applicada por um tribunal militar mesmo quando tivesse sido merecida? Onde a quebra de deveres civicos? Como advogam então a supremacia do poder civil, desde o nascimento, ao baptisado, e da escola laica, até ao enterro civil? Onde o mau cidadão que só no Codigo Penal, que pune o duello, tem as disposições que lhe restringem a liberdade individual? Onde a coherencia? Farçantes e embusteiros!

Não sois desqualificados porque sois *inqualificaveis*. O duello nega o espirito de justiça, é um acto barbaro e medievico; fóra do romance destinado a emmocionar meninas histericas; só pode ser admittido pelos que preferem pôr-se deante de uma pistola a vinte e cinco passos de distancia com o tiro á voz, que só por acaso póde acertar, a cumprir em uma enxovia a pena do crime de diffamação que o podia inutilisar perante o conceito publico. Digo á pistola, porque esta arma que um official allemão em um relatorio classifica de inutil como arma offensiva, a não ser que, como elle diz, se atire com ella á cabeça do adversario, já ha cerca de quarenta annos, no seculo passado, causou uma morte em duello em Portugal; porque á arma branca que é um pouco mais séria, os duellistas teem o cuidado de se pouparem dando o duello por findo com honra para os dois contendores ao mais simples arranhão, que até já pode ir feito de casa.

Simplesmente torpes e ridiculos! Foi n'este meio podre e deleterio que o "Povo de Aveiro„ appareceu, pelo paiz fóra contra a malta que o explora, deixando transparecer a sinceridade do seu redactor.

O paiz quer saber a verdade que todos lhe tem occultado. Comprando-o, começa a ver claro e a isolar os verdadeiros amigos, dos malandrins de todas as cores, que para o caso Ferrer tentam desviar as attenções dos que gostam dos casos emmocionantes. Não lograrão o seu intento, porque o que o *Povo de Aveiro* diz fica, cala no animo porque é—a verdade.

Continue, pois, illustre redactor, na obra patriotica de isolar a matulagem politica, dos politicos sinceros quer republicanos quer monarchicos, que o successo está assegurado. Faça com que de vez acabem as abstenções eleitoraes dos monarchicos, a falta de Fé nos que tem de ser eleitos, e chame á lucta os verdadeiros republicanos, de forma a que não mais appareçam jornaes como a "Vanguarda„ a que Magalhães Lima punha o subtitulo de *Jornal Republicano Independente;* isto é, nada tenho, nem nada quero, com o partido composto de acratas, bandalhos, *souteneurs* e invertidos, e verá como tudo entra nos eixos. A victoria é certa.

Dirão que a forma do *Povo de Aveiro* é rude; mas qual a obra prima da estatuaria, que antes de ter sido entregue ao cinzel e ao buril do esculptor que lhe deu a delicadeza das linhas, não foi primeiro arrancada e desbastada a camartello? A camartello, pois; e conte comnosco que lhe podemos dar informações excellentes, para o que vamos ordenar a papelada. Ha muito a fazer e muito a destruir.

Ignotus.

PROVINCIAS

Lagos

Os assignantes do *Povo de Aveiro*, aqui, não se fartam de vêr a calva á mostra dos republiqueiros em geral e dos de Lagos em especial. E como estes têm estado ha uns dias em descanço, venho hoje dar algumas noticias d'estes energumenos continuando assim na minha faina de os arrazar emquanto V. quizer prestar este bom serviço a Lagos.

A vereação republiqueira entende que nos ha de asphixiar e asphixiar-se (ella é o menos) em montões de estrume estacionados em differentes ruas, dando logar a doenças mais ou menos graves. Uma perfeita desgraça! A illuminação só se faz no minguante da lua, o que equivale a dizer que 8 dias por mez é que temos luz! Estes senhores que assim procedem eram os primeiros a censurar as vereações transactas, com as quaes esta não se pode comparar em toda a extensão da palavra. Não comprehendemos o jogo d'estes safardanas. A camara prohibiu que os carros estivessem, nas ruas, estacionados, sem cavalgaduras, o que é bem entendido. Mas o que faz a mesma camara? Algum adversario que delinque é multado, os correligionarios que delinquem sempre nem em tal se pensa; é uma anarchia. Os commerciantes fazem o que querem; têm nos passeios das ruas caixotes, malas e mais despejos de papeis e papelões que não cabem nos estabelecimentos; parecendo a cidade mais uma aldeia sem rei nem roque.

No procedimento da camara não *pode haver maior iniquidade.*

Quem vê o vice-presidente "espanta mortos„ sempre com o *immundo* debaixo do braço ou qualquer outro catrapasio ha de parecer-lhe outra personagem! Verdade seja que o homem vae tendo grande alcance; como não soube responder ao Padre João Henrique sobre litteratura franceza vae experimentar se dará mais alguma coisa em agronomia estudando a creação do bicho da seda. E' um grande palerma!

Em todo o caso pode ser que o homem tire resultado para com o producto da bicharada pagar algum cãosinho dos que por aqui tem. Muito gostava eu que V. conhecesse estes typos!...

O menino Roberto, filho do supra dito "espanta mortos„, o tal da africa das bofetadas no Padre João Henrique, apregoa em toda a parte que se Aveiro fôsse mais perto ia fazer a V. o mesmo que fez ao Padre.(1)

Ha pouco foi inaugurada uma escola na Luz, d'este concelho; concorreu alguem e entre muita gente alguns padres que n'aquella occasião ali estavam para uma festa. Usaram da palavra os padres Monteiro, Bernardino Luiz e Dr. Marreiros Neto (que creio é regenerador agora.) Correu tudo regularmente, mas á sahida foram apredejados os padres, sendo alvejados os padres Cançado e José Lourenço (faça V. os commentarios dignos do procedimento d'esta canalha.) Houve comicio no centro republicano, protestando contra a execução de Ferrer; deram morras ao militarismo, ás cabeças coroadas, pediram a cabeça d'Affonso XIII, abaixo a seita negra. Agora já não queremos a republica, diziam elles; queremos a revolução. Protestaram contra o castigo do General Borracho. Estes bichos que ha pouco tempo diziam do Baracho cobras e lagartos, agora para elles é um idolo.

Emfim, isto é uma anarchia pegada. Estava representada no comicio a firma Rata, Espanta mortos, Précuras, *o Vae alta* e companhia acolytados pela escumalha de "Larussa„ e quejandos. O que admira é que mettido n'isto ande parte do commercio d'esta terra, com raras excepções, mas o que é verdade tambem é que a maioria não sabe onde têm a mão direita e está a fazer papel de carneirada. Mestre Précuras, durante o comicio, creio que veiu algumas vezes á rua despejar o tubo de borracha. Mestre *Jerolmo*, um dos mais hypocritas que aqui ha, cada vez mais radiante com os progressos de caranguejo do sobrinho e com esperanças de ainda ir mais para traz. Terá o tio Jerolmo esperanças da egreja da Misericordia ainda a arder e ser elle encarregado da nova reedificação? O demonio é que a D. Maria Judice ja morreu. *O caquinha* tambem é um grande typo! Esse é commendador desde que o Rei veiu aqui pela primeira vez sendo elle presidente da camara republicana; depois fez-se progressista, pediu ao Rei protecção para o filho, agora é outra vez republicano E' dos taes que apregoa moralidade, mas o dr. Armelim poderá dizer o que o homem é com respeito ao testamento do Padre Veiga. E sobre o assumpto fallaremos com mais vagar.

Para se ser moralista é necessario ter auctoridade.

Oxalá estas informações se não percam e V. se digne publicar.

Estou satisfeito, porque todas as minhas noticias ainda não foram desmentidas, e o que é certo é que os assignantes aqui, augmentam de dia para dia.

(1) Diga-lhe que sim, que venha, que nós cá lhe damos o troco. Andamos á espera que venha um ha muito tempo.
(Nota da Redacção).

VÁRIA

O Orçamento da Allemanha

Não apresenta uma situação invejavel. Fixou-se o deficit de 1908-1909 em 122 milhões de markos, pouco mais ou menos 175 milhões de francos, e afinal ficou em 300 milhões de francos. Os novos impostos renderam muito pouco. Ao mesmo tempo as despezas teem crescido assustadoramente. Em 1904 eram de 2:124 milhões de markos, dos quaes o exercito de terra absorvia 635 milhões e a marinha 216 milhões. Em 1907 subiram a 2:597 milhões de markos, absorvendo o exercito de terra 789 milhões e a marinha 278 milhões. Em 1908 subiram a 2791 milhões em 1909 a 2:850 milhões, absorvendo o exercito de terra 847 milhões e a marinha 405 milhões.

—†—

O Orçamento belga

As receitas ordinarias para 1908 tinham sido calculadas em 621.404:924 francos. Deram só 617.513:000 francos ou seja menos 3.892:000 francos. Em compensação, as despezas, avaliadas em 621.594:000 francos, não foram alem de 616.522:000 francos. No orçamento extraordinario as despezas porém deram um excesso de 74.461:742 francos.

A divida consolidada, não comprehendendo a divida fluctuante nem as diversas annuidades devidas pelo Estado, elevaram-se em 31 de dezembro de 1908 a francos 3.346:918:850.

—†—

Reconstituição das mattas

E' tambem na Italia problema a que se está prestando grande attenção. Para esse fim reuniu-se ha pouco um Congresso Nacional em Bolonha, a que adheriram 600 individuos, entre elles muitos deputados e senadores. No seu discurso inaugural, o conhecido estadista Luzzatti celebrou o culto das florestas. Esse culto, segundo elle, é prova das mais elevadas qualidades moraes nas raças que lh'o consagram.

O amor pelas arvores tem o que quer que é de mystico, de religioso. Os povos antigos para as conservarem consideravam-nas sagradas.

Assim é! Mas cá em Portugal é que não ha cultos d'esses.

—†—

Liga contra a canalha

Eis uma coisa interessante e tão precisa em Portugal. Na Italia acaba de se formar uma *Liga contra a canalha*. E sabem os leitores do *Povo de Aveiro* a que os italianos honestos attribuem o augmento da canalha nas cidades italianas? *A' protecção que os politicos lhe concedem.* Olhem que é boa! Tal e qual como entre nós!

E' a revista italiana *Economista dell' Italia Moderna* que fornece a noticia, e a explica e justifica, da *Liga contra a canalha*. E' ella que nos diz que a maior causa do augmento da canalha é a *indulgencia da justiça pelos patifes que se encostam á politica.* E a revista franceza *Journal des E'conomistes* commenta dizendo, textualmente:

Et puis, je ne doute pas que la ligue ne puisse venir à bout des malandrins, s'ils n'étaient pas soutenus par les politiciens. Là est le hic.

Là est le *hic*, diz o francez. Como quem diria em Portugal: *Ahi é que está o* **busilis**. E vejam lá se nós temos ou não carradas de razão para levantar o estandarte da *guerra sem treguas e sem quartel ás quadrilhas politicas.*

—†—

Curiosa estatistica

Uma ingleza, miss Hutchins, fez uma conferencia na *Royal Statistical Society*. E n'ella disse:

Que a população feminina é na Inglaterra (como em toda a parte) mais numerosa que a masculina. Em 1901, a população ingleza comprehendia 15.729:000 homens e 16.799:000 mulheres. Differença a favor das mulheres: 1.070:000.

Esta desproporção, que tem augmentado successivamente desde 1851, provem, segundo miss Hutchins—é sempre ella que fala—do facto das mulheres viverem mais do que os homens. Desde 1838 até 1900, a duração media da vida das mulheres foi sempre superior á dos homens.

Poder-se-hia attribuir esta longevidade á circumstancia das mulheres estarem menos expostas aos accidentes do que os homens. Mas miss Hutchins affirma que as mulheres, sendo physicamente mais fracas, são constitucionalmente mais fortes que os homens. Serão, dizemos nós. Mas então a morte pela guerra, pelas desordens, pelos desastres do trabalho, e pela vida viciosa e extravagante dos homens, incontestavelmente mais viciosos e extravagantes que as mulheres, é factor para desprezar? Miss Hutchins está a mangar com a tropa! Mas continuaremos a ouvi-la.

A prova de que as mulheres são constitucionalmente mais fortes de que o homem é que n'um districto industrial tão importante como o Lancashire, onde trabalham muitas mulheres novas nas fabricas, a vida d'ellas é melhor que a vida dos homens da mesma edade; em opposição, no districto mineiro de Durham, onde as mulheres pouco trabalham, a mortalidade é maior nas mulheres novas que nos homens da mesma edade.

Não só as mulheres teem uma constituição physiologica mais vigorosa que a dos homens, mas a sua constituição psychica é tambem melhor. As mulheres são mais bem equilibradas (eu peço meças e ahi está a senhora D. Maria Velleda e até a senhora D. Anna de Castro Osorio que me fazem ganhar a aposta); teem uma gradde estabilidade de nervos e de cerebro (essa agora! só se fôr lá na Inglaterra!); teem maior poder de resistencia ás doenças; são menos expostas (comparando com o *Maduro* cá d'Aveiro e outros muitos maduros cá do Portugalorio tem, razão) á alienação e á degenerescencia. Talvez tenha razão. O Maduro é idiota. Isso é. O Meyrelles não anda muito longe. E ha tanto maduro e tanto meyrelles! Ahi talvez a ingleza tenha razão.

Até ao presente, continua miss Hutchins, o casamento é ainda a mais importante situação economica e social da mulher. Ha na Inglaterra e no paiz de Galles 5.700:000 mulheres casadas, ou seja 49,6 0|0, quasi metade da população femea acima de 15 annos. Mas a proporção das mulheres não casadas augmenta e tambem a das viuvas, esta precisamente porque as mulheres vivem mais do que os homens. A proporção das mulheres não casadas era de 261 em 1881. Passou a ser de 298 em 1901. Ao mesmo tempo a proporção das mulheres casadas que era de 602 por 1:000 em 1881, desceu para 584 em 1891, e para 576 em 1901.

Miss Hutchins terminou por dizer o numero das mulheres operarias, creadas de servir, e com outras occupações na Inglaterra.

—†—

Mulheres sabias... mulheres vadias e estereis

Como se sabe, é o grande problema agora na America do Norte. A demasiada instrucção da mulher é causa, sustentam numerosos publicistas e philosophos, dos mais eminentes, da diminuição dos casamentos e nascimentos. Não é a *unica* causa. Mas é a *principal* causa. E assim se prepara, dizem elles, o *suicidio* da raça americana. O sr. Emerick sahe a dizer *que o diabo nunca é tão feio como o pintam.*

Em primeiro logar, a experiencia da alta educação das mulheres é de data muito recente. Como se avaliam já as consequencias? Em segundo logar, a esterilidade não é uma doença especifica; depende de causas tão complexas como a civilisação.

As raparigas entram já nas escolas com idéas contrarias aos casamentos precoces e ás familias numerosas. Quasi todas ellas são já de familias *com poucos filhos.* A previdencia que levou os paes a *fazer poucos filhos,* é a previdencia que os leva a *mandar as filhas para a escola.* De maneira que é, pelo menos, exaggero attribuir á escola a causa da *esterilidade* ou de pouco amor á *procreação.* Isso são idéas e propagandas *que já veem de traz.* Os paes não andaram nas escolas, ou os avós, e foram elles que começaram com *essa propaganda* e com *essas idéas.*

N'uma coisa, todavia, concorda o sr. Emirick. E é que a instrucção excessiva da mulher se tornou muito mais uma coisa de luxo que de coração ou necessidade. Ao principio ia-se para a escola por *vantagem material* ou *amor* da instrucção. Agora o maior numero vae para augmentar a *consideração social,* porque é *moda*, porque as mulhersinhas querem ser ou parecer sabias como os homens, porque não teem mais que fazer, porque esse *training* augmenta o seu prestigio social, etc.

O que tudo custa uma *continha calada.* As despezas d'instrucção augmentam sem cessar. Vão de 800 a 8:000 dollars (640:000 reis a 6.400:000 reis). Augmentam mais do que os rendimentos. E por ahi, sim. Por ahi é que o sr. Emerick concorda que a alta instrucção da mulher tenha influencia sobre a natalidade. Quanto mais despezas... menos filhos.

—†—

Chinezices

O sr. William Warrond Carlile, na revista *The Journal of Political Economy*, pespega uma descompostura mestra nos escriptores *chinezes* que andam á procura de termos *arrevezados*, e tem o sr. Carlile muita razão. Vê-se que por lá tambem ha d'essa praga! Deve haver, deve. Isto por cá é tudo imitação. A *singerie humaine!* como diz o sr. Tard.

D'aqui a pouco ninguem sabe ler esses *gajos*, nem na sua propria lingua.

O sr. Carlile não fala já nos termos correntes. O sr. Carlile quer que mesmo em linguaguem scientifica se empreguem os termos já mais ou menos geralmente conhecidos, d'outra forma um homem que não ande em dia com as *especialidades*, ou, por outra, com as *macaquices das especialidades*, não pode ler um livro ou um artigo de revista. "Dantes—diz textualmente o sr. Carlile—empregava-se, para tratar as questões economicas, a linguagem vulgar, que todo o mundo comprehendia; quando apparecia a necessidade de dar um sentido novo a uma palavra antiga havia o cuidado de prevenir o leitor. Ha uns annos para cá tudo mudou.„

Ora bem. Isso é quanto á linguagem scientifica, a que diz respeito a questões economicas e outras questões de caracter social ou scientifico. Que diria o meu amigo Carlile se visse meia duzia d'idiotas inventar, em linguagem commum, termos disparatados a cada instante, ou andar a procurar em Camillo e outros escriptores de purismo, termo aqui termo alli para fazer d'elles uma especie de rosario em que uns são confiados após outros como contas a marcar Ave-Marias?

Camillo podia-se ler, porque não empregava os termos raros e não creava outros senão... quando devia ser. Mas andar a respiga-los nos seus livros, ou nos livros d'outros escriptores de nomeada, para os metter de cambolhada, ou querer imita-lo creando-os, sem criterio e sem auctoridade é, verdadeiramente, d'um... puxão d'orelhas. Pois faz-se para ahi a cada passo.

—†—

Os extremos...

Tocam-se.

A revista ingleza *The Economist* faz notar que tanto o imperialismo como o *democratismo* ameaçam levar a Inglaterra a um ponto muito perigoso para a sua prosperidade. O imperialismo não quer senão esquadras e exercitos cada vez mais fortes. O *democratismo* reclama a toda a hora privilegios novos para os operarios. Onde se vae buscar dinheiro para tanto, pergunta *The Economist?*

Quanto maior é a parte tirada pelo Estado á fortuna publica, menores são os capitaes com que ficam a industria e o commercio para os seus emprehendimentos e para pagar os salarios. Alem d'isso, a riqueza nacional tem limites que se não podem exceder sem matar a *gallinha d'ovos d'oiro.*

Lá isso é verdade. Mas para ahi caminha tudo!

O Povo de Aveiro

Vende-se

AVEIRO—Kiosque Souza, Praça de Luiz Cypriano.
LISBOA—Tabacaria Monaco, Rocio; Kiosque Elegante, Rocio; Tabacaria Neves, Rocio; Tabacaria Marécos, Rua do Principe 124, em frente do Avenida Palace; Tabacaria Felismino Paulo, Rua da Prata 205-207; Tabacaria Ingleza, Praça o Duque da Terceira (Caes de Sodré) 18; Antonio Loureiro, Calçada da Estrella, 59; Tabacaria Batalha, Calçada da Estrella 15; Tabacaria Portugueza, rua da Prata, 16; Tabacaria Rafael dos Santos, rua do Ouro, 124.
PORTO—Tabacaria José Teixeira, Praça de D. Pedro, 9 e 10; Tabacaria Vieira da Cruz, rua de Santo Antonio; Tabacaria Vareirense, rua do Bomjardim, 64 A; Tabacaria Alberto Ferreira, rua Alexandre Herculano, 256.
MATTOSINHOS—Agencia Lusitana, Rua Roberto Ivens 100
COIMBRA—Tabacaria Central, Rua Ferreira Borges 27
ALCOBAÇA—Antonio Vazão.
GOUVEIA—Manuel A. Manta, Rua Braamcamp
CABEÇÃO—Luiz Vieira da Silva.
PORTALEGRE—João Gervasio Coelho, Largo da Sé.
VENDAS NOVAS—Joaquim Maria de Andrade—*o Varino.*
SETUBAL—Manuel Tavares.
ARRONCHES—Miguel Maria.
ESPINHO—Kiosque Reis.
MOITA DO RIBATEJO—João Baptista Moura.
VIZEU—Kiosque do Rocio.
CHAVES—Annibal de Barros.
VILLA REAL—Agengia de Publicações de Antonio de Neute C. da Mesquita.
MANGUALDE—Bento d'Almeida Campos.
MONTE ESTORIL—Gare.
S. PEDRO DO SUL—José Augusto d'Almeida.
FÁRO—Francisco Matheus Fernandes.
EVORA—Marcelino Anthero Calça, Rua da Sellaria 19-21.
CASCAES—José Jacintho D. Cabral, Tabacaria Aurea.
VILLA NOVA DE BARONEA—José Custodio Figueiredo.
CORTEGANA, Alemquer—João dos Santos Pereira.
REGUENGOS DE MONSARÁS—R Antonio João da Cunha.
PADERME—ALGARVE—Antonio Anacleto d'Oliveira,
TORRES NOVAS—João Rodrigues Sentieiro.
AMARELEJA—MOURA—Manuel Frade.
CASTELLO BRANCO—Vende-se pelas ruas.
MONTEMÓR O NOVO—Fortunato Reinato.
TONDELLA—Mario do Carmo.

BRAZIL

RIO DE JANEIRO—Centro de Publicações de Geonlorenzo; Celttins, Travessa do Ouvidor.
MANAUS—Agencia Freitas.
BELEM DO PARÁ—Centro de Publicações.

Lisboa nas Provincias

Com a facilidade de transportes que hoje ha e a promptidão e zelo com que a casa

J. LINO

satisfaz os pedidos que lhe fazem ninguem se deve preoccupar com a necessidade de ir a Lisboa para obter o que precisa, quer seja em todos os **MATERIAES DE CONSTRUCÇÃO** que **J. Lino** fornece ha 45 annos nas melhores condicções de preços e qualidades, quer seja em qualquer artigo para recheio d'uma casa, porque a

MÉNAGÈRE EM LISBOA

fornece tudo quanto seja preciso, como mobilias economicas, brazeiros de ferro portateis, fogões de sala e de cosinha, baterias de cobre, de nikel, de aluminium, de ferro esmaltado e porcelana de ir ao fogo;—todos os utensilios e machinas de cosinhar, de lavar, de engomar e de limpêza; lavatorios, banheiras, esquentadores para gaz ou petroleo, ourinoes e retretes inodoras, etc., etc., etc.

Todos estes artigos são de primeira qualidade e de toda a confiança para os compradores—não ha risco de se receber um artigo ordinario; não comparar só preços porque de nada serve um objecto que se faz de proposito para reclame e que afinal é um mono inutil.

Dirigir pedidos e informações ao escriptorio geral de **J. Lino,** rua Caes do Tojo, 25. Telephone n.º 98.—Telegrapho: **JOTALINO.**—LISBOA.

Tinturaria a vapor

Nettoyage et Degraissage à sec, de *tous les vêtements et ameublements*

Tinge e limpa sem desmanchar todos os artigos de vestuario e mobiliario.

LA PARISIENNE

Tinge, limpa e friza PLUMAS.
Limpa e tinge *luvas, tapetes reposteiros.*

Fabrica e Escriptorio—**Rua Costa Cabral, 489**—PORTO.

SUCCURSAL

383—Rua Formoza—385

[Em frente da PHOTOGRAPHIA BIEL]

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA
— DE —

Albino Pinto de Miranda

LARGO DE MANUEL MARIA

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Serviços completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e extrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas seccas, chouriços do Alemtejo e banha da terra, *Chumbo, cartuchos e mais appetrechos para caça*, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc., etc., etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A **450** E **360** REIS. A DUZIA e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

TRABALHOS COMMERCIAES

Typographia a vapor
DE
O POVO DE AVEIRO

Bilhetes de visita desde 400 réis o cento

N'esta typographia, montada com material extrangeiro de primeira ordem, todo o typo commum da casa *Bauer & C.ª*, de Stuttgart, todo o typo de phantasia da mesma casa *Bauer* e da casa franceza *Turlot*, orlas e vinhetas decorativas *Turlot*, *Berthol*, de Berlim, e de *Klinkardt*, de Leipzig, machinas de impressão, de picotar, de aramar, guilhotina, dos fabricantes allemães *Albert & C.ª*, de Frankenthal, *Ingenfrost*, de Leipzig, *Dietz & Listing*, de Leipzig, com uma esplendida collecção de typo especial e cartões para bilhetes de visita, com fornecimento de sobrescriptos e papel de toda a ordem, nacional e extrangeiro, executam-se, com a maxima perfeição e preços minimos, para qualquer ponto do paiz, com impressão a preto ou a côres, de simples texto ou gravura, todos os trabalhos da arte typographica, taes como: livros, revistas, jornaes, prospectos, facturas, bilhetes de loja, memorandums, estatutos, circulares, etc., etc.

Toda a correspondencia é dirigida para Aveiro, a **Francisco Manuel Homem Christo,** *proprietario, director e administrador de* **O POVO DE AVEIRO.**

RUA D'ARNELLAS—AVEIRO

HOTEL CYSNE
Boa-Vista

RUA DA ALFANDEGA (Junto á Ria)

AVEIRO

Proprietario-Gerente
ANTONIO SIMÕES PEIXINHO

Este antigo e bem conceituado hotel, installado em casa propria e sito em um dos locaes mais apraziveis da cidade, recommenda-se pela seriedade e aceio do tratamento.

Contracto especial para hospedes permanentes

COZINHA DE PRIMEIRA ORDEM

TRENS AOS PRINCIPAES COMBOIOS

Endereço telegraphico:

Hotel Cysne—AVEIRO